

convergência

ABR — 1985 — ANO XX — N.º 181



- **MENSAGEM DO PAPA PARA TODOS OS RELIGIOSOS**

R. Antoncich, SJ — página 143

- **CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA NA COMUNIDADE RELIGIOSA: SENTIDO E EXIGÊNCIAS**

Fr. Hugo D. Baggio, OFM — página 165

- **A ESPIRITUALIDADE CARMELITANA**

**Revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil**

Diretor-Responsável:

Ir. Claudino Falquetto, FMS

Redator-Responsável:

Pe. Marcos de Lima (Reg. 12.679/78)

Equipe de Programação:

Pe. Atico Fassini, MS

Pe. Cleto Caliman, SDB

Ir. Delir Brunetti, PIDP

Ir. Maria Carmelita de Freitas, Fl

Direção, Redação, Administração:

Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4.º andar
20031 RIO DE JANEIRO — RJ

Assinaturas para 1985:

Brasil, taxa única, terrestre ou aérea:

Até 30.04.1985..... Cr\$ 46.150

Exterior: maritima..... US\$ 28,00

aérea.....	US\$ 38,00
------------	------------

Número avulso Cr\$ 4.615

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Composição (foto e linotipo), revisão, paginação e impressão: Esdeva Empresa Gráfica Ltda., Rua Halfeld, 1179 — 36100 Juiz de Fora, MG

Nossa Capa

Esboço que sugere uma antena parabólica de transmissão e recepção de sinais televisivos e telerradiofônicos, símbolo do extraordinário progresso no campo da informática, a transferência de informações codificadas. A antena parabólica é dispositivo essencial do sistema de comunicação, à distância, por ondas e microondas eletromagnéticas.

A realização de uma **Vida Religiosa**, pessoal e comunitária, conforme o Evangelho, precisa ser nossa real preocupação, de cada dia. Nesta tarefa, a **Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB)** quer desempenhar a função e o papel da antena parabólica rastreadora, ou seja:

- (1) Ser, facilmente, sintonizada em frequências diferentes. Não obstante tão numerosas as Congregações, cada uma encontra, nas atividades da CRB, o estímulo que afina, apura e define o próprio carisma.
- (2) Reduzir as interferências e

os ruídos estranhos, com firme adequação aos sinais complexos da atmosfera. Não sendo do mundo, a VR, todavia, se realiza no mundo. Busca, então, a CRB servir um alimento capaz de imunizar e criar anticorpos ao espírito do mundo. (3) Proporcionar emissão e recepção de sinais dotados de grande nitidez e resolução. Pelo que diz e pelo que faz, a CRB identifica a VR pelo que lhe é substancial, em termos teológicos, bíblicos e evangélicos.

A revista **Convergência** é o veículo de estrutura ajustada aos objetivos fundacionais da CRB na transmissão de informações claras e objetivas para os Religiosos que vivem e trabalham na Igreja no Brasil. Em **CONVERGÊNCIA**, Religioso, Você descobre os elementos que lhe garantem construir a resposta correspondente às suas necessidades de pensamento e de ação. Leia **Convergência**. Nada igual à sua leitura para o exercício conseqüente da esperança (**Pe. Marcos de Lima, SDB**).

Registro na Divisão de Censura e Diver-
sões Públicas do D.P.F. sob o n.º 1.714-
P.209/73.

SUMÁRIO

EDITORIAL.....	129
A GRANDEZA DO SACERDÓCIO E DA VIDA RELIGIOSA	
João Paulo II	131
INFORME DA CRB	134
MENSAGEM DO PAPA PARA TODOS OS RELIGIOSOS	
R. Antoncich, SJ.....	143
A VIVÊNCIA DAS BEM-AVENTURANÇAS COMO CAMINHO DA ESPIRITUALIDADE	
Pe. Virgilio Ciaccio, SSP	154
CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA NA COMUNIDADE RELIGIOSA: SENTIDO E EXIGÊNCIAS	
Frei Hugo D. Baggio, OFM	165
A ESPIRITUALIDADE CARMELITA	
Frei Patrício Sciadini, OCD	181

A caminho de EMAÚS, os dois discípulos, tristonhos e frustrados, comentavam os últimos acontecimentos em JERUSALÉM. Difícil processo de discernimento para quem tinha os olhos vendados, no dizer de LUCAS. Interesses distintos, diferentes expectativas face ao “profeta poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo o povo”, impediam-lhes ver em profundidade a realidade de Jesus. Não haviam captado o sentido de sua vida e atitudes. Somada a isso, a decepção impossibilitava-lhes o re-conhecimento do PEREGRINO que a eles se juntara pelo caminho.

Um gesto porém, o simples gesto irmão da partilha da Palavra e da fração do Pão, deu luz ao calor de seus corações. Abriram-se-lhes os olhos e O reconheceram. Sua vida se transformou. Aconteceu-lhes a PÁSCOA. Páscoa feliz!

FELIZ PÁSCOA a você também, leitor amigo. Juntos andemos, como discípulos irmãos, a caminho de nossa permanentemente necessária EMAÚS. Nem sempre vemos claro o caminho. O RESSUSCITADO, no entanto, conosco anda. De coração tardo e inteligência curta nós também, dificilmente O reconhecemos. Nem sempre entendemos sua proposta. Discernir o Essencial nem sempre é fácil.

Importa, sim, que Ele ande conosco. Que nos abraze, nos questione e partilhe conosco Palavra e Pão.

Nossa Páscoa acontecerá então, nos gestos simples, pascais, da fraternidade. Bem-aventurados assim O veremos e O anunciaremos partilhado com os irmãos.

FELIZ PÁSCOA !

CONVERGÊNCIA tem a alegria pascal de levar a você as seguintes reflexões: “MENSAGEM DO PAPA A TODOS OS RELIGIOSOS”, de Pe. R. ANTONCICH SJ, é tradução de um texto editado pela CLAR, em seu BOLETIM n.º 6, junho de 1984, p. 4-15. Nele Pe. ANTONCICH retoma a mensagem do Papa aos Religiosos, na Exortação Apostólica REDEMPTIONIS DONUM, de 25 de março de 1984. Pe. ANTONCICH recolhe, no amplo universo do documento pontifício, duas categorias básicas para a Vida Religiosa: a RAIZ e a LUZ, expressão, respectivamente, da “profundidade das dimensões existenciais de cada pessoa consagrada”, e da “universalidade do significado que a Vida Consagrada possui”. As duas dimensões — “raiz-profundidade” e “luz-universalidade” — se enriquecem e se exigem mutuamente. “Quanto maior for a profundidade da raiz, pela experiência interior de Deus, tanto maior será a capacidade de iluminar e atingir todos os irmãos”. Com essa valiosa reflexão CONVERGÊNCIA comemora o 1.º aniversário de REDEMPTIONIS DONUM.

Pe. VIRGÍLIO CIACCIO SSP,
em “A VIVÊNCIA DAS BEM-

AVENTURANÇAS COMO CAMINHO DA ESPIRITUALIDADE", e com palavras ardentes, questiona a vida de religiosos que não assentam raízes suficientemente profundas na Palavra. "A Vida Religiosa nasceu da Palavra de Deus. A Palavra é o seio original de todos os consagrados a uma vocação de serviço radical". E quando fala da Palavra como "fonte da espiritualidade da Vida Religiosa, é sobretudo para as Bem-aventuranças que é preciso olhar. Elas são "o ponto mais sublime da Palavra revelada e o núcleo do anúncio de Cristo". Mas, "as Bem-aventuranças não foram proclamadas para sacramentar a miséria, a violência, as lágrimas, as perseguições..." São antes, um "protesto de Deus contra todas essas situações distorcidas que o egoísmo humano aprontou". Como encarná-las no mundo de hoje?

FREI HUGO D. BAGGIO OFM nos brinda com o artigo "CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA NA COMUNIDADE RELIGIOSA: SENTIDO E EXIGÊNCIAS", fruto da vivência pessoal do amor ao Cristo. "De tal modo amou Deus o mundo, e tendo amado os seus, amou-os até o fim". Essa "é a única explicação que me faz aceitar, finalmente, a presença de Cristo, em meio aos homens, na forma de pão". E "ser religioso é ter-se deixado convencer por este amor". "Celebrar a Euca-

ristia é encontrar-se com este amor... Não encontrando este amor de Cristo dificilmente encontraremos o amor dos irmãos. A Eucaristia é a força de viver a comunidade, em fraternidade" É o Sacramento da comunidade, da unidade. E o Religioso "faz profissão de comunidade". Frei Hugo nos leva para dentro do mistério da Eucaristia e desdobra diante de nossos olhares, suas implicações vitais.

"A ESPIRITUALIDADE CARMELITANA", de Frei **PATRÍCIO SCIADINI OCD**, é um testemunho pessoal sobre o sentido e atualidade do espírito que vivifica a grande família carmelitana. "O Monte CARMELO, cujo nome significa "vinha" ou "pomar", é o símbolo das ascensões espirituais que terminam no cimo da montanha, lugar de repouso em Deus, e das alegrias completas da íntima união com o Senhor". Nessa caminhada para o alto, o carmelita se apóia em três elementos constitutivos de sua espiritualidade: a presença da Virgem Maria, o profetismo de Elias, a primazia da contemplação. A conversão constante, a presença de Deus no coração do homem, e o deixar-se amar por Deus são as três posturas de vida que todo bom carmelita é chamado a viver.

Pe. ATICO FASSINI MS

A GRANDEZA DO SACERDÓCIO E DA VIDA RELIGIOSA

Discurso de JOÃO PAULO II ao Clero, Religiosos e Religiosas, em FANO, Itália, a 12 de agosto de 1984 (n.ºs 2-4), in OSSERVATORE ROMANO de 19 de agosto de 1984, págs. 4-5.

2. Dirijo-me antes de tudo a vós, caríssimos Presbíteros, convidando-vos a agradecer a imensa bondade divina, que vos chamou ao sacerdócio para o serviço da Igreja e da humanidade.

O sacerdote é ministro de Cristo, por Ele escolhido e a Ele consagrado, testemunha da sua Paixão, Morte e Ressurreição, por Ele enviado a comunicar a vida divina da graça, especialmente mediante o culto eucarístico e a celebração dos sacramentos.

O sacerdote tem a missão de ser mestre e guia, porque deve anunciar o Evangelho e dar uma resposta aos eternos interrogativos do homem, de cada homem, acerca do sentido último da realidade criada.

O sacerdote, depois, ao estar no mundo como sinal e testemunha do amor salvífico de Cristo, e deputado oficialmente à oração pública da Igreja, oferece continuamente a Deus aquele sacrifício de louvor (cf. **Heb.** 13,15), que interpreta o desejo veeemente que a criação inteira tem da libertação dos filhos de Deus (cf. **Rom.** 8,19); e, desse modo, torna-se o seu mediador e a sua voz.

3. O nosso dever de sacerdotes é por isso o de testemunhar a fé exercendo o “*múnus real*”. Como sublinhou o Concílio Vaticano II, a missão real de Jesus Cristo é transmitida de modo particular à Igreja sob forma do poder pastoral, exercido pelos Bispos em comunhão com o Sucessor de Pedro, e pelos sacerdotes sob a direção dos Bispos (cf. **Lumen Gentium**, 18 s). Tal poder pastoral tem a sua fonte, a sua razão contínua, o seu exemplo e ideal em Cristo, o Bom Pastor, que dá a vida pelas suas ovelhas (cf. Jo 10,15), e, quando encontra aquela que se perdera, põe-na alegremente aos ombros (cf. Lc. 15,5).

Testemunhar a fé como sacerdotes, portanto, é santificar-se e servir a Cristo nos outros com aquela **caridade pastoral**, que, vivida na comunhão, os torna perfeitos na unidade (cf. Jo. 17,23), e anunciadores do Filho de Deus Salvador: “Ó Pai, que todos sejam um só, para que o mundo creia” (Jo 17,21).

Testemunhar a fé como sacerdotes é **dar-se generosamente ao “ministerium verbi”**, procurando todos os modos mais adequados para que o Evangelho seja anunciado deveras “a

todas as criaturas" (Mc. 16,15), cuidando da Catequese apropriada e apresentada de modo orgânico, sintético e profundo a todas as categorias de pessoas, de modo especial à juventude que às vezes é deixada entregue a si mesma.

Testemunhar a fé como sacerdotes é **ser canais de graça** para comunicar a vida divina mediante a digna celebração dos Divinos Mistérios, a administração dos sacramentos e, em particular, do Sacramento da Reconciliação, para levar os fiéis ao amor do bem, fonte última dos juízos verdadeiros da consciência moral.

Testemunhar a fé como sacerdotes é pôr-se **totalmente à disposição de Deus**, a fim de que "Ele faça de nós um sacrifício perene e agradável" (cf. **III prece eucarística**): assim dizemos ao Senhor, ao Criador e nosso Pai, em nome e na pessoa de Cristo, como, ao mesmo tempo, em nome de todas as criaturas, de modo que sejamos sempre **homens-para**: para Deus e para os irmãos, sem limitações, na alegria total da doação de nós mesmos.

Testemunhar a fé como sacerdotes é, enfim, ser **homens de oração**, enquanto partícipes, de especial modo, da oração de Jesus: homens de Deus, consagrados, no momento mais alto de cada dia emprestamos os nossos lábios ao próprio Cristo que louva o Pai e intercede continuamente por nós (cf. Heb. 7,25).

Desejo por isso encorajar-vos a perseverar com confiança e com fervor na vossa nobre missão sacerdotal e pastoral, na caridade recíproca

e na unidade dos propósitos. Repito também a vós quanto eu disse aos Presbíteros da Suíça: "Quanto mais o mundo se descristianiza, tanto mais tem necessidade de ver na pessoa dos sacerdotes esta fé radical, que é um farol na noite ou a rocha sobre a qual se apóia" (**L'Osservatore Romano**, ed. port. de 1.7.84, p. 6). Devemos viver com os homens do nosso tempo como com irmãos, embora permanecendo sempre: "testemunhas e dispensadores duma vida diferente da terrena" (**Presbyterorum Ordinis**, 3).

4. Também vós, caros irmãos e irmãs, que estabelecesteis com a profissão dos conselhos evangélicos uma aliança do homem e do mundo, sede fiéis à invocação a Deus, à oração, como condição para perseverardes no caminho para o qual Ele vos chamou. A oração é a força dos fracos. Diz o Apóstolo Paulo: "De maneira semelhante é que o Espírito vem em ajuda da nossa fraqueza, pois não sabemos o que devemos pedir em nossas orações, mas é o próprio Espírito que intercede por nós com gemidos inefáveis" (Rom. 8,26). A oração permite-nos, num certo sentido, estar nas dimensões de Deus e penetrar, de maneira humilde mas corajosa, no coração mesmo de Deus, no seu desígnio. Orar é reconhecer que Cristo ressuscitou e merece incondicional dedicação.

Mas, se pelo vosso estado de vida é evidente o primado da contemplação, que, acentuada e nutrida pela regra, faz aumentar o vosso amor a Cristo, é outro tanto evidente que este amor constitui um bem especial

para a Igreja toda. O povo de Deus é consciente de que no amor dado a Cristo pelas pessoas consagradas, o amor de todo o Corpo se dirige de modo especial ao Esposo.

Exprimo-vos a gratidão da Igreja pela consagração e pela profissão dos conselhos evangélicos, que são um típico testemunho de amor, mediante o qual se torna visível de modo particular a inteira verdade redentora do Evangelho. Exorto-vos, pois, a participar no apostolado da Igreja segundo o carisma específico da Ordem ou da Congregação em que viveis. Por isso, faço votos por que estejais sempre abertos para a vida pastoral da Igreja local e por que, atentos aos sinais dos tempos, estejais sempre generosamente disponíveis a responder às necessidades dos pobres, para levardes o anúncio de Cristo a quem mais precisa de sinais concretos da esperança salvífica do Redentor. Vários são os modos, com que, mediante o apostolado, podeis e deveis manifestar o vosso amor para com a Igreja e o mundo. Todavia, o importante é que, tanto na contemplação fecunda para o anúncio de Cristo como na ação diretamente

apostólica, sejais prova evidente de que "o Reino de Deus não consiste em comer e beber, mas em justiça, paz e alegria no Espírito Santo. Todo aquele que desse modo serve a Cristo é agradável a Deus e aplaudido pelos homens" (Rom. 14,17-19). O mundo tem necessidade do autêntico testemunho da consagração religiosa como incessante fermento de renovação salvífica.

Quero concluir recordando-vos que o objectivo da vida religiosa é o de honrar e glorificar a Santíssima Trindade e, mediante a vossa consagração, de ajudar a humanidade a atingir a plenitude de vida no Pai, no Filho e no Espírito Santo. Em todos os vossos projectos e em todas as vossas atividades procurai ter sempre diante de vós esta finalidade. Não podereis prestar serviço maior, nem podereis receber recompensa maior.

Ao desejar que o Senhor e Maria Santíssima, nossa Mãe dulcíssima, vos acompanhem, caros sacerdotes, queridos religiosos e diletas religiosas, e tornem a vossa vida repleta de um grande entusiasmo no serviço da vossa alta vocação e do vosso ministério eclesial, de coração concedo a todos a Bênção Apostólica.

I N F O R M E

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

ENCONTRO DA DIRETORIA E SECRETÁRIOS EXECUTIVOS DA C R B NACIONAL COM OS PRESIDENTES E SECRETÁRIOS EXECUTIVOS DAS REGIONAIS

BALANÇO E PROSPECTIVAS

Entre os dias 07 e 12 de novembro, de 1984 a Diretoria e Secretários Executivos Nacionais da CRB estiveram reunidos em Brasília, na Casa de Oração Assunção, com os Presidentes e Secretários Executivos das 16 Regionais, para um balanço geral do ano, e para traçar ou retomar algumas diretrizes já estabelecidas por ocasião da Assembléia Geral dos Superiores Maiores, em 1983. A primeira constatação que emergiu do Encontro foi o clima de profunda comunhão entre todos os participantes. Todos aceitam e procuram dar corpo às prioridades votadas e firmadas na XIII AGO de 83.

Quando se perguntou às Regionais o que vai indo bem em termos de animação e promoção da VR, as respostas foram as seguintes: Há um novo modelo emergente de VR, que se caracteriza por sua prontidão profética de serviço ao lado dos pobres. A CRB se empenha para que a presença dos Religiosos se faça, inspire, organize e dinamize a partir da

mediação do pobre. Outro ponto positivo diz respeito à formação inicial. Todas as Regionais dão o melhor de si em favor da formação dos novos Religiosos. Pode-se dizer que é este o setor mais bem atendido pela CRB. Outro setor que começa a tomar corpo e definição mais clara é o da inserção da VR nos meios populares. CRB está acompanhando e animando os Religiosos inseridos. Finalmente, verificou-se que a CRB goza de maior credibilidade, na medida em que presta melhores serviços.

No que diz respeito à atuação da CRB-Nacional, em relação às Regionais, verificou-se que estas correspondem largamente às ofertas daquela. Nos cinco Seminários programados pela Nacional, abrindo para as Regionais 80 possibilidades, foram aproveitadas 61, o que equivale a uma percentagem de 76,3%. Nem sempre foi possível a todas Regionais atenderem às cinco ofertas da Nacional, mas estas foram tidas como válidas e consistentes.

Nem tudo são flores. Citaram-se, como deficiências, por exemplo, em 9 Regionais, a ausência de encontros entre Bispos e Superiores Maiores; os Setores da Saúde e Educação ainda não estão sendo atendidos a contento; há pouco atendimento às Religiosas que trabalham em Pensionatos; a presença dos Religiosos-homens também é fraca nos quadros da CRB; o mesmo pode-se dizer no que se refere aos Religiosos da Terceira Idade: eles mereceriam maior atenção nas Regionais.

O Encontro foi muito válido e enriqueceu a todos. Ao final dele, os participantes endereçaram a seguinte mensagem a todos os Religiosos do Brasil:

MENSAGEM DE BRASÍLIA PARA OS RELIGIOSOS DO BRASIL

A paz, a alegria e a misericórdia do nosso Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo estejam com todos vocês! Que as celebrações do Advento e do Natal de nosso Deus Encarnado nos reconfirmem na consagração religiosa e aumentem em nós as disposições de viver e lutar por Seu Reino de paz, justiça e fraternidade!

Ao término da reunião que congregou, em Brasília, entre os dias 7 e 12 de novembro, a Diretoria da CRB-Nacional, com sua Executiva, e os Presidentes e Executivos das 16 Regionais, gostaríamos de enviar aos irmãos Religiosos de todo o país, uma mensagem de vida e propósitos

que brotou de nossas orações e dias de trabalho e convivência fraterna.

- 1 — A partir de 1983, uma nova metodologia foi sendo implantada e está tomando corpo dentro dos quadros da CRB-Nacional, onde Cursos e Seminários são promovidos levando-se em conta a realidade e as experiências dos participantes. Cabe às Regionais selecionar e enviar a tais Cursos e Seminários os seus candidatos, os quais assumem o compromisso de retransmitir o conteúdo e desencadear o mesmo processo visado, nas respectivas Regionais. Como ninguém vive só para si, da mesma forma ninguém estuda ou participa de Cursos só para proveito próprio ou de sua Congregação. Assim, os Religiosos que se beneficiam de Cursos promovidos pela CRB-Nacional fazem-no em nome da Regional a que pertencem e para o bem de todos os co-irmãos que nela vivem. Por outro lado, visa-se com isso, também, fortalecer as Regionais e favorecer aquelas Congregações mais pobres que, fora desta metodologia, nunca poderiam enviar seus membros para as programações da CRB-Nacional. Solicitamos, em vista disto, a colaboração dos Provinciais no sentido de ajudarem a implantar esta nova metodologia, favorecendo a participação de seus Religiosos numa experiência intercongregacional de receber-e-dar.

- 2 — Em relação à Formação, sentimos que os projetos da CRB oferecem grande apoio às Congregações religiosas. Alegramo-nos com sua aceitação, e não deixamos nunca de dar nossa contribuição sopesada e criteriosa. A CRB-Nacional, na busca de iluminação para sua presença animadora dos Religiosos no país, assumiu as opções de Puebla e Medellín, onde a mediação do pobre é critério preferencial de toda caminhada da Igreja no continente. Neste sentido, a mediação do pobre se constitui em eixo evangélico referencial da atual formação dos Religiosos, preparando-os adequadamente para a situação atual da Sociedade e da Igreja entre nós. Convocamos a todos os Religiosos a se solidarizarem com os pobres, os marginalizados, os que lutam por verem e terem sua dignidade respeitada. São eles nossos mestres e hóspedes do banquete que devemos servir, e tanto quanto lhes oferecemos a Palavra de Deus queremos ser evangelizados pela palavra viva de suas existências sofridas.
- 3 — Confessamos com alegria que os Religiosos marcam presença ativa e ponderante nos diversos segmentos da comunidade eclesial e social, com seus serviços de testemunho e carisma profético. Apraz-nos lembrar o quanto a Igreja e o Brasil são devedores aos Religiosos nos campos da Educação, da Saúde, da Pastoral paroquial, da Comunicação, da Assistência e Promoção humana, etc. Não desejamos esquecer os Religiosos de Vida Contemplativa, alma e sustentáculo do fecundo apostolado religioso. Ultimamente, a inserção de Pequenas Comunidades em meios populares veio a dar novo ânimo e perfil à vida de especial consagração. A CRB acompanha com alegria e apóia com entusiasmo esta nova expressão de Vida Religiosa.
- 4 — Sentimos ser essencial que os Religiosos e Institutos vivam o próprio carisma, abertos e sensíveis às prioridades da CRB-Nacional. Busquemos, num compromisso profético e martírico, a transformação da sociedade brasileira, sempre em união com a caminhada orgânica de cada Igreja Particular e as orientações colegiadas da CNBB.
- 5 — Nossa última palavra, agradecida e calorosa, queremos dirigir-lá a nossos irmãos de idade, a quem chamamos, com carinho, “de mais vividos”, e que hoje, talvez, já se encontram à margem das atividades pastorais da VR e da Igreja, mas que delas continuam sendo a pulsação mais santa e eloquente. A vocês, queridos irmãos, muito temos que agradecer. Agradecemos-lhes o exemplo de fé, fidelidade, renúncia e coragem que nos deram e o muito que rezaram e fizeram

por nós. Agradecemos-lhes a paixão com que seguiram a Cristo e o serviço e dedicação que tiveram para com os pobres e pequeninos. Agradecemos-lhes, especialmente, a vocação religiosa que temos e da qual vocês, como bons pastores, cuidaram com insofrido zelo. Gostaríamos ainda de fazer-lhes um último pedido, ao sentido de continuarem a testemunhar com alegria. Vocês são a presença de Deus mais completa dentro de nossas comunidades. Olhando para vocês, teremos mais certezas dentro das incertezas e desafios da vida, e mais alegria em nossa vida de consagrados.

Louvando a Deus, agradecendo ao Senhor pela comunhão que nos une e comprometidos com a causa do Reino, fraternalmente saudamos a todos em Cristo.

BRASÍLIA, 12 de novembro de 1984

PAIXÃO — MORTE — RESSURREIÇÃO

O sofrimento vem dos homens. De fato, no início da criação, Deus quis partilhar seu amor infinito com o homem. Mas o homem quis tornar-se Deus. Daí saiu o pecado, o pecado original e o de hoje: ambição, vaidade, egoísmo... Todos os homens são corresponsáveis por isso. Todos nós estamos envoltos em situações de pecado.

Com a vinda de Jesus Cristo te-

mos a certeza de que podemos ser libertos do pecado, moldando nossa vida segundo o Evangelho. Em nossa vida porém, o egoísmo, a ambição e a vaidade são às vezes mais fortes que o amor, a partilha e a humildade. Por causa disso nossa existência é habitada pela maldade, pela injustiça que faz sofrer a humanidade.

Neste sentido, as doenças e os sofrimentos encontram sua raiz na maldade dos homens. Em outras palavras, dizer que Deus quer o sofrimento e a doença significa que Deus encontraria prazer em ver seus filhos sofrerem. Seria um Deus sádico, carrasco, e não um Deus de amor.

A morte é passagem desta vida para a vida eterna. Se durante nossa vida tentamos viver os valores evangélicos, viver o amor, a caridade, a fraternidade, a partilha, a paz, o perdão, estaremos preparados para a vida de felicidade eterna. Mas se durante nossa vida oprimimos os outros, fomos egoístas, vaidosos, ambiciosos, fechados à vida do irmão, será impossível alcançar a vida de felicidade eterna já que negamos os seus valores nesse mundo. Será a solidão eterna.

O importante é viver nossa vida humana comungando e partilhando nossa vida com a dos irmãos, vivendo a FRATERNIDADE, conformando nossa vida ao Plano de Amor de Deus. Deus nunca nos abandona se nele depositamos nossa fé e nossa esperança.

É esse DOM DA VIDA que o GRUPO DE REFLEXÃO PARA A

SAÚDE (GRS) da CRB Nacional procura aprofundar através da reflexão-ação, à luz da Bíblia e da realidade do sistema de anti-vida em que vivemos. É um desafio a que todos os Religiosos devem dar resposta ativa, colocando a própria vida a serviço da VIDA. Por isso é importante que cada Regional de CRB crie e dinamize seu GRS Regional para a formação e informação dos Religiosos a serviço da Saúde.

Em função desse projeto, a CRB Nacional, com o auxílio de seu GRS, promoveu um SEMINÁRIO NACIONAL DE SAÚDE, em novembro de 1984.

* * *

SEMINÁRIO NACIONAL DE SAÚDE. 18 A 24 DE NOVEMBRO DE 1984. — MENDES — RJ.

De 18 a 24 de novembro de 1984, a CRB/Nacional, através do GRS/Nacional, coordenou o Seminário Nacional da Saúde, na Fazenda das Paineiras — Mendes (RJ).

Este Seminário reuniu 32 religiosos de 13 Regionais da CRB, 5 membros do GRS/Nacional, 2 Secretárias Executivas da Nacional e dois Assessores: Pe. Olinto Pegoraro e Pe. Rogério Cunha Lima. O Seminário começou no dia 18 às 20 horas, com a palavra do Presidente da CRB, Ir. Claudino Falquetto, que deu as boas vindas. Depois da oração de abertura, foi apresentada a proposta do Seminário: **“Os religiosos à serviço da vida”**, tendo esse objetivo geral: **“Comungar com a Igreja do**

Brasil que chama nossa atenção para a vida, através da Campanha da Fraternidade deste ano. A CRB convida os religiosos para uma reflexão sobre o sentido de seu serviço à vida.” Os objetivos específicos são: **“oportunizar a partilha de experiências; oferecer assessoria, informações, critérios para análise, e referências bibliográficas; sensibilizar os religiosos para a formação de grupos de reflexão e de trabalho, a fim de melhor responder aos apelos da realidade no campo da saúde.”**

Este Seminário se desenrolou segundo o método VER — JULGAR — AGIR.

Os dois primeiros dias foram consagrados ao VER: partilha das experiências, em grupos, por Regiões (Sul-Leste-Centro-Oeste-Norte-Nordeste). Cada Região escolheu uma experiência a ser apresentada em plenário.

Os dois dias seguintes foram consagrados ao JULGAR: após uma colocação dos Assessores, sobre a VIDA, cada grupo refletiu, a partir das experiências apresentadas no plenário, sobre: Qual é a vida que o trabalho de Saúde constrói? Os trabalhos de Saúde realizam a Vida Religiosa?

Das respostas em plenário, os assessores destacaram 4 pontos importantes: 1) Graças ao trabalho de Pastoral da Saúde podemos conhecer a realidade: o capitalismo como raiz dos problemas básicos da saúde. 2) Deixar-se converter pelo pobre: inserir-se, comunhão e participação, solidariedade, viver junto faz assu-

mir, assumir a vida real do povo. 3) Algumas estruturas da VR nos afastam do povo, portanto da realidade; o pobre nos obriga a uma aproximação da realidade através da inserção: libertação das estruturas, sabedoria, aprendizagem da gratuidade, oração vivida e partilha. 4) A importância das estruturas: nós criticamos mas delas precisamos. Colocando-os numa ótica libertadora. Em cima destes 4 pontos, foram feitas 3 perguntas para trabalhos de grupos (3 grupos): 1) Quais são os elementos que compõem a crise nas instituições de saúde? 2) Como redimensionar a ação Pastoral nas obras tradicionais? 3) Quais são os desafios que o religioso sente hoje trabalhando nas instituições de Saúde?

Cada grupo fez um cartaz resumindo as respostas a cada pergunta, e apresentado ao plenário. Após o delas precisamos. Colocando-as num colocação sobre o capitalismo e a conversão.

O quinto dia foi consagrado ao AGIR: — através do VER, depois do JULGAR, quais são as linhas de força, as pistas de ação?

Após um trabalho de grupo, foram colocadas em plenário pistas de ação. Depois, cada participante se comprometeu pessoalmente, em atitude de interiorização. A seguir, em grupos por Regiões foram traçadas perspectivas de ação. A nível comunitário: destacar uma Irmã como responsável pela saúde (Congregação); animar a participação, a partilha; iniciar ou dar continuidade ao trabalho de Saúde nas Congregações; dar

mais apoio às comunidades; promover estudos; reorganizar os grupos de saúde; integrar-se aos trabalhos de saúde; visitar as Irmãs para informar sobre a realidade da saúde. A nível de Regionais: organizar GRS nas Regionais; levantamento das Congregações atuando na saúde; comunicação mais atuante e constante entre os que aqui estiveram; ampliar a equipe do GRS; promover seminários, encontros e reuniões; participar das assembléias da CRB e CNBB; intercâmbio inter-regional; contatos com o presidente da CRB Regional; na CRB Regional, ter um membro da saúde; articulação entre CRB e outros grupos existentes.

A nível de GRS Nacional: cobrar das Regionais; maior entrosamento; intercâmbio; encontro com GRS regionais; presença de uma pessoa do GRS na criação dos GRS regionais; informar sobre o GRS nacional; articular mais as Congregações em vez de dar mais ênfase aos projetos (UNICEF, MISEREOR); rever o GRS e reforçar o grupo; oferecer subsídios.

No sábado, a Eucaristia encerrou o Seminário, resumindo todo o sentido deste. No final, o ENVIO de cada Região e da Equipe nacional. Após a missa, fez-se a avaliação pessoal e regional do Seminário.

Durante todo este Seminário viveu-se a FRATERNIDADE, ambiente que ajudou a ter Eucaristias participadas, preparadas por cada Região. Às noites foram bem vivas através de atividades opcionais organizadas também por cada Região.

Foi um tempo forte na Vida Religiosa. Esta reflexão sobre os religiosos a Serviço da Vida constitui-se num momento forte da Caminhada dos religiosos na área da Saúde.

Pe. CHRISTIAN DE PAUL DE BARCHIFONTAINE, MI

* * *

IRMÃS ESCOLARES DE NOSSA SENHORA CELEBRAM 150 ANOS DE EXISTÊNCIA E 50 DE BRASIL

"TODAS AS OBRAS DE DEUS CRESCEM DEVAGAR E NO SOFRIMENTO; MAS, ASSIM SE TORNARÃO MAIS SÓLIDAS, E FLORESCERÃO COM MAIOR MAGNIFICÊNCIA."

Estas palavras de Madre Teresa de Jesus Gerhardinger, fundadora das IRMÃS ESCOLARES DE NOSSA SENHORA, assumem um sentido novo e mais profundo neste ano jubilar, em que mais de 8000 Irmãs, em 32 países, celebram o 150.º aniversário de sua Congregação.

As raízes desta comunidade eclesial remontam ao dia **24 de outubro de 1833**, quando Carolina Gerhardinger e duas outras jovens começaram a vida religiosa, em comum, em Neunburg vorm Wald, uma cidadezinha humilde, na Baviera-Alemanha.

Seguindo a orientação do Pe. Miguel Wittmann, futuro Bispo de Ratisbona, Carolina e suas duas companheiras concordaram em preparar-se

para assumir o magistério, na escola para meninas, em Stadtamhof. Em sua visão comum e o desejo de renovar a sociedade decaída, convenceram-se do papel importantíssimo da **mãe**, como primeira educadora, na família. Sua preocupação primeira voltou-se, então, para a educação cristã das meninas, educação na qual Carolina, agora Madre Teresa de Jesus, insistia na necessidade absoluta do exemplo do educador e na integração entre instrução e formação do caráter.

Como educadora exemplar e mulher de fé, Madre Teresa possuía uma percepção aguda das necessidades do seu tempo. Afastou-se do modelo vigente de grandes mosteiros, independentes e autônomos, enviando suas Irmãs para formarem comunidades pequenas, de dois ou três membros, para assim atingirem mais facilmente o povo pobre da zona rural.

Para garantir um único espírito na direção e objetivo entre as Irmãs e entre as diversas filiais e unidades maiores (Províncias) da Congregação, Madre Teresa insistiu num governo central unificador, estabelecendo a Casa-Mãe em Munique, no ano de 1841.

A insistência de Madre Teresa no governo centralizado, e a conseqüente direção entregue a uma **mulher**, foram muitas vezes mal entendidas. A luta para obter a aprovação da Congregação, terminou em 1865, quando o Papa Pio IX aprovou a

Constituição das "Pobres Irmãs Escolares de Notre Dame", como é o nome original da Congregação.

Apesar do sofrimento e da luta, da extrema pobreza e opressão política, a Congregação, nos primeiros 50 anos, espalhou-se da Baviera para 11 países da Europa e da América do Norte, para onde Madre Teresa levou pessoalmente suas Irmãs, já 14 anos após a fundação. O trabalho educacional das Irmãs Escolares de Nossa Senhora entrou para a História, devido à sua ação transformadora e inovadora, tanto na Europa, como nas Américas.

Ao morrer, no dia 9 de maio de 1879, aos 82 anos de idade, Madre Teresa deixava sua Congregação contando com quase 3000 Irmãs.

À medida em que se expandia a Congregação, crescia também sua internacionalidade e sua influência na Igreja. Assim, a Casa-Geral foi transferida de Munique para Roma, o centro da Igreja Universal, em 1957.

Hoje, as Irmãs Escolares de Nossa Senhora procuram continuar a herança recebida de sua fundadora, considerando-se educadoras em tudo o que são e no que fazem.

Para elas, EDUCAÇÃO significa: tornar as pessoas capazes de alcançar a plenitude de seu potencial como seres criados à imagem de Deus, e assisti-las, a fim de orientarem seus dons para humanizar a terra.

A exemplo de Madre Teresa, mulher de visão mundial, educam na

convicção de que o mundo pode ser mudado pela transformação das pessoas. Respondendo a necessidades diversas, elas se engajam em uma grande variedade de ministérios, através dos quais trabalham pela formação integral das pessoas. Não querem excluir ninguém de sua preocupação, sendo especialmente sensíveis às necessidades da juventude e da mulher, e impelidas a preferir os pobres e marginalizados. A construção de uma sociedade mais justa merece zelo especial em todos os seus mistérios.

A CONGREGAÇÃO NO BRASIL

As primeiras Irmãs Escolares vieram da Alemanha para o Brasil, em 1935, quando haviam já perdido, em grande parte, seu campo de trabalho nas escolas, devido ao Regime de Hitler.

Hoje, mais de 200 Irmãs vivem e trabalham em duas Províncias:

- PORTO ALEGRE, com casas nos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Maranhão, Pará e, recentemente, Paraná.
- SÃO PAULO, que tem casas nos Estados de Paraná, São Paulo e Minas Gerais.

As Irmãs querem ir ao encontro das necessidades mais urgentes: escolas, creche, hospitais, abrigo de velhos e desamparados, trabalho paroquial, pastoral vocacional e da juventude, catequese e grupos de reflexão, comunidades eclesiais de base, pastoral de favelas, promoção da

mulher, crianças abandonadas e missão no extremo norte de nosso país.

Fiéis ao carisma de Madre Teresa, cujo processo de beatificação já está na última fase, as Irmãs Escolares de Nossa Senhora sentem-se chamadas a refundar a Congregação ao ensejo de seu Sesquicentenário, atendendo aos apelos da Fundadora, que disse :

“POBRES E ABANDONADAS, COMEÇAMOS ESTA OBRA DE DEUS, COM FÉ E CONFIANÇA SOBRENATURAIS... CONTINUEMOS A SERVIR AO DEUS TRINO, EM TODA A NOSSA VIDA, COM ALEGRIA, A OBEDECER-LHE E AMÁ-LO ACIMA DE TUDO”.

**IRMÃS ESCOLARES DE
NOSSA SENHORA**

MENSAGEM DO PAPA PARA TODOS OS RELIGIOSOS

R. Antoncich, SJ

In: BOLETIM "CLAR" n.º 6, junho de 1984, págs. 4-15.

A CLAR está celebrando seus 25 anos no contexto e sob a inspiração do Ano Santo da Redenção. Ao terminar esse ano, o Papa dirigiu aos religiosos do mundo inteiro a mensagem "**Redemptionis Donum**". Ne-la apresenta-lhes seus ensinamentos sobre o ministério da Redenção, relativamente à vocação religiosa. Com gratidão acolhemos essa mensagem do Santo Padre e a tomamos como tema de nossa reflexão.

Como perspectiva de nossa leitura da Exortação Apostólica — R. D. —, escolhemos o seguinte parágrafo do Papa: "O apelo à conversão e à reconciliação com Deus significa que precisamos meditar, mais a fundo, sobre nossa vida, nossa vocação cristã à luz do mistério da Redenção, a fim de cada vez mais nele enraizá-las!" (RD 1).

Para melhor captar a unidade da RD, seguiremos duas categorias que atravessam o documento todo: a **raiz e a luz**. Elas nos fazem compreender as duas dimensões da Vida Religiosa. Enquanto "raiz", leva-nos à profundidade das dimensões existenciais de cada pessoa consagrada. Enquanto "luz" abre-nos à universalidade do significado que a vida con-

sagrada possui em relação com todos os homens, de todas as raças e de todos os tempos. Ambas as dimensões, profundidade e universalidade, ou metaforicamente ditas, "raiz" e "luz", se enriquecem e se exigem mutuamente. Quanto maior for a profundidade da raiz, pela experiência interior de Deus, tanto maior será a capacidade de iluminar e atingir todos os irmãos

Essas duas categorias — raiz e luz — perpassam através do documento todo e explicitam as características da Vida Religiosa, em cada um dos três níveis, adiante enumerados. O primeiro é o da compreensão antropológica da vocação. O segundo é o da Vida Religiosa em comunhão com o mistério de Cristo. E, finalmente, o terceiro refere-se à Vida Religiosa enquanto é parte do mistério eclesial.

1. O NÍVEL ANTROPOLÓGICO

Nesse nível podemos compreender a vocação religiosa como processo de interpelação pelo convite, feito por Deus, à liberdade do homem. A interpelação penetra até o mais profundo do próprio ser, suscitando a resposta: a entrega total.

O conceito-chave da vocação religiosa e sua resposta de entrega total, nós o encontramos na “substituição de tesouros”, despertada pelo convite de Jesus. Achamo-nos convidados a tudo vender, dá-lo aos pobres, começando a perceber, na entrega a Cristo e aos irmãos, o novo tesouro, cujo sentido pleno só se revelará no Reino dos Céus.

As duas dimensões, profundidade — raiz, e universalidade — luz, aparecem no conceito da “substituição de tesouros”.

a) A Raiz

Como experiência “radical”, a Vida Religiosa nos conduz ao mais íntimo de nós mesmos, seres humanos: à liberdade de um ser humano interpelado pelo mistério da predileção de Deus, que é nossa vocação ou apelo.

O Papa fala de uma “estrutura interior da vocação” e prossegue assinalando os diferentes momentos do processo vocacional.

O apelo tem sempre origem numa pessoa, portanto supõe encontro; não se trata de mensagem anônima; é uma voz e vincula-se ao olhar daquela pessoa. O encontro com essa pessoa de quem provém a voz e a quem pertence aquele olhar, constitui o encontro com Aquele que a envia. A voz e o olhar de Jesus representam, encarnam, manifestam a voz absoluta de Deus e o eterno olhar de seu amor misericordioso.

“Na estrutura da vocação, o encontro com esse amor se torna algo

especificamente pessoal” (RD 3). Por isso a Vida Religiosa deve ser primordialmente entendida a partir da vocação como encontro de pessoas, como descoberta do Filho de Deus e como resposta ao Seu olhar e à Sua voz, levando-nos a deixar todas as coisas, a fim de poder segui-Lo.

O olhar de Jesus nos faz descobrir nossas possibilidades latentes e Sua voz nos convida a realizá-las. Assim o convite orienta à perfeição. Não uma perfeição proposta à humanidade, ao estilo de muitas doutrinas ou filosofias. O apelo à perfeição, feito por Jesus, conforme toda a tradição bíblica, tem um ponto de referência: o próprio Deus. Somos convidados a ser como Deus e, a copiar Sua infinita perfeição, nos limites de nossa finita existência. Por isso, no convite está implicado um desafio para o maior e o absoluto, e, ao mesmo tempo, a permanente consciência de que jamais esgotaremos o ideal ou alcançaremos a meta. A grandeza da vocação leva à imitação de Deus; a humildade da vocação nos obriga, pelo contrário, a sempre reconhecer a distância que nos separa do ideal e quão imperfeita é nossa imitação.

b) A luz

Se de Deus tudo nasceu, imitá-Lo em seu perfeito ser é relacionar-nos com todas as coisas, ao modo Dele. Daí, a mesma reflexão sobre a “raiz” como profundidade da experiência pessoal, remete-nos, por sua própria natureza, à outra dimensão: a da “luz”, como projeção universal. Tor-

na-se necessário recompor as relações com o mundo, com os seres humanos e com Deus, relações cortadas pelo mistério do pecado. A vitória sobre esse mal é a Redenção, nós a tornamos viva e operante ao começarmos uma vida nova no Senhor Ressuscitado.

A fim de entregar tudo a Deus, precisa o homem entregar-se a si mesmo. Mas para poder entregar-se, precisa entregar tudo o mais a ELE. A crise do nosso mundo é a "alienação" do homem que saiu de si, e extraviou-se em meio às coisas. Termina por adorar e temer aquilo mesmo que produziu.

A universalidade da experiência vocacional aqui se manifesta. Está o religioso convidado a viver profundamente em sua própria existência, a experiência que todo homem deve viver na história e na sociedade. Aprendendo a "remeter tudo a Deus" e "a se remeter também", ele compreende que a melhor contribuição sua à humanidade será testemunhar o processo do encontro profundo da liberdade humana com o mistério de Deus.

A Vida Religiosa latino-americana passa por uma experiência marcante, no mundo de injustiça e exploração que nos rodeia e nos interpela. Talvez mais do que em outros lugares da terra, estamos nós diante do drama de uma sociedade cuja meta é o "ter" mais, esvaziando-se de um "ser" solidário, fraternal. Somos doloridas testemunhas dos falsos valores de pessoas que "em primeiro plano colocam a categoria do

possuidor, do ter". Frente a esse projeto de vida, baseado no egoísmo da posse, ressoa o convite de Jesus: "que aceitemos, em lugar disso, um programa centrado no valor da pessoa humana, no ser pessoal, com toda a transcendência que o caracteriza" (RD 4).

Se toda vocação, num sentido muito profundo e radical deve ser entendida "no âmbito do conselho evangélico da pobreza que pertence à essência mesma da vocação e da profissão religiosa", com muito maior razão uma vocação à Vida Religiosa na América Latina deve compreender as exigências da pobreza radical, **antropológica**, à qual o Papa se refere, **partindo do contexto sociológico** do drama de pobreza injustas de tantos irmãos, causadas por aquele projeto dos que põem no "ter" o sentido e a meta da vida humana, pois o falso valor do "ter" absolutizado não só desumaniza o poderoso que vive com essa hierarquia de valores, como também desumaniza a sociedade e rompe as relações fraternas.

As palavras do Papa nos mostram a atualidade e o sentido da Vida Religiosa em nosso continente, pois aqui, mais do que em outros lugares, vivemos esse desafio. Se o âmbito da civilização atual, de modo especial no contexto do mundo de bem-estar da sociedade de consumo, o homem sente dolorosamente a deficiência essencial do ser pessoal que desce sobre sua humanidade de abundância do ter multiforme, então esse homem sentir-se-á mais disposto a acolher a verdade sobre a vocação,

uma vez por todas anunciada pelo Evangelho. “Sim, o apelo que vós acolheis, queridos irmãos e irmãs, ao entrar no caminho da profissão religiosa, atinge as próprias raízes da humanidade, as raízes do destino do homem, no mundo t e m p o r a l” (RD 4).

Após haver brevemente contemplado as dimensões “universais” dessa luz projetada sobre todos os homens, voltemos às dimensões de “raiz” e de “luz”, ambas vinculadas pela “substituição de tesouros”.

c) A Substituição de tesouros

A perfeição a que somos convidados, realizando-se no interior de cada vida, mas que por sua vez irradia sobre todos os irmãos, como interpelação e desafio, denunciando e anunciando uma vida diferente, essa perfeição está unida ao desprendimento.

Para atingir o fundo do ser e da liberdade, a estrutura da vocação revela que deve existir um processo de **substituição de valores**. É preciso abandonar um tesouro para ganhar o outro; é preciso vender aquilo que se possui e dá-lo aos pobres, a fim de se obter o novo tesouro. Notemos que não se trata de “acumular” dois tesouros, mas de “substituir”. Não é possível possuir ambos ao mesmo tempo. Se não há renúncia de um também não haverá compreensão do novo. A causa da esterilidade de tantas vocações religiosas não estará aqui: o querer manter os dois tesouros ao mesmo tempo? De tanta aco-

modação, onde nunca houve a renúncia de tudo vender, dar tudo, para depois poder seguir livres, libertados e libertadores, o Jesus da liberdade?

Somos convidados a meditar a íntima relação existente entre o “vender um tesouro” e o compartilhar **materialmente** com o pobre **material**, a fim de sermos **testemunhas** junto de **outros pobres**, os de carências morais. Os carentes de pão precisam do fruto de nossa renúncia, mas os ricos — carentes de amor e de justiça —, devem receber o testamento do novo tesouro que eles, possuidores de tantos tesouros materiais, não são capazes de intuir, nem de entender.

Jamais seremos testemunhas do “novo”, se não nos desprendermos do “velho tesouro”. Muitos religiosos são fraco sinal disso, como acima já mencionamos; e a causa disso é o erro do acumular ao invés de substituir tesouros. “Quando o homem vende o que possui e o dá aos pobres, também percebe que os bens e comodidades possuídos não eram o tesouro junto ao qual se deve permanecer; o novo tesouro está em seu coração, feito por Cristo, capaz de “dar” aos outros, dando-se a si mesmo. Rico não é quem possui, mas quem dá, quem é capaz de dar” (RD 5).

O tesouro da doação só nasce da renúncia ao tesouro do ter. O dar é tesouro por si mesmo; é um modo de viver, com sentido e com plenitude. Por isso o “tesouro dos céus” não pode ser entendido como algo

cortado da mesma vida de entrega. O Papa corrige expressamente essa interpretação: "Cristo diz: 'terei um tesouro no céu'. Tesouro que não é tanto um "prêmio" após a morte, por obras realizadas segundo o exemplo do Divino Mestre. É, bem mais, o cumprimento escatológico do que se ocultava em tais obras, já aqui na terra, no tesouro interior do coração" (RD 5).

É no **ser**, ao se dar, que o tesouro da humanidade se enraíza; é uma forma de existir e de viver que "vale a pena". É o religioso o torna seu, pela consagração. A Vida Religiosa é, portanto, a resposta ao apelo para a perfeição; apelo que refaz as relações humanas, a partir de um novo ser que vive para a doação. O religioso já não se pertence mais; não se instala, nem procura rodear sua vida de garantias. Sempre aberto às necessidades e ao sofrimento dos outros; na fadiga do dar, dando e se dando, a outros enriquecendo com os bens necessários às suas vidas; vivendo a riqueza interior de fome solidária do existir; descobrindo, na solidariedade, o valor e o tesouro da "convivência". O absolutizar a sobrevivência leva ao ter, a excluir a outros ao assegurar tudo para si, incapaz de perceber o valor da convivência.

Ao contrário, o viver intensamente a convivência leva, às vezes, até o dar a vida por aqueles que amamos, a sacrificar a sobrevivência egoísta a fim de semear a coexistência solidária, baseada na sabedoria do conviver.

2. A NÍVEL CRISTOLÓGICO

Novamente retomamos as duas dimensões de profundidade (raiz) e de universalidade (luz), porém agora relacionado a Vida Religiosa com o mistério de Cristo.

A experiência do "substituir tesouros" é vivida na intimidade do seguimento de Jesus, na comunhão de vida e destino, ao nos tornarmos discípulos seus. Jesus é o modelo perfeito do novo tesouro: a vida dada aos outros, por amor deles e por sua redenção. Em Cristo, a síntese da experiência do substituir tesouros encontra-se no mistério da Páscoa, isto é, de sua Paixão e Ressurreição. Enquanto Paixão, engloba toda a dimensão de renúncia; enquanto Ressurreição, revela o gozo da vida nova. Como o grão deve morrer, assim também a vocação religiosa — introduzida no mistério Pascal de Cristo —, arrasta consigo renúncia e morte, para tornar possível o gozo, a vida.

Nesse nível cristológico podemos aprofundar, ainda mais, as dimensões de raiz e de luz.

a) A raiz

Desafiada pelo chamado cuja resposta se traduz pelo dar, a liberdade está amorosamente vinculada à experiência de Jesus. Substituindo tesouros, quem foi convidado à perfeição há de compreender o novo tesouro do Reino na escola de Jesus: há de se fazer discípulo seu.

Os chamados a conviver com Jesus Cristo foram modelando o próprio coração e o próprio espírito pelo "estar-com-Ele" e o aprender seu Evangelho. Com Jesus e em seu seguimento, os três anos do ministério itinerante culminaram na doação da Ceia e da Cruz, para chegar à plenitude da Páscoa e Pentecostes. Jesus realiza no espaço de umas poucas horas, tudo o que havia ensinado durante toda a sua vida. Inaugura a Nova Aliança, que substitui a Antiga, baseada na lei. Institui o sacrifício novo, o da Nova Aliança. Cumpre, Ele mesmo, tudo que dissera por suas palavras e oração: é o exemplo do perdão e da doação total, chama pelo Reino e para que a vontade do Pai seja realizada, embora, por ser fiel a ela, deva Jesus morrer na cruz.

O mistério da morte e ressurreição constitui a expressão mais perfeita da conversão antropológica descrita no primeiro nível. Não só o tesouro velho foi substituído pelo novo, como também, ao realizar isso, cada seguidor de Jesus se despoja do homem velho para se revestir do novo, criado por Deus na justiça e santidade verdadeiras (cfr. RD 7).

O seguimento de Jesus nos faz participar de sua vida e de seu destino, isto é, da sorte dos profetas, dos comprometidos com a vontade do Pai — ainda que rejeitados pela má vontade dos homens. Jesus vincula à cruz o seu seguimento. "Por conseguinte, a lei da renúncia pertence à essência mesma da vocação cristã. Todavia, de modo especial, pertence à essência da vocação, unida à pro-

fissão dos conselhos evangélicos" (RD 10).

Implicado no seguimento da cruz, o aniquilamento não é um total despojar-se, porque leva à riqueza de um novo ser. Como vimos no primeiro nível, um tesouro é substituído por outro; não se perde tudo; ganha-se tudo, pois o segundo tesouro supera infinitamente o primeiro. O participar do mistério Pascal de Jesus em sua morte, culmina no participar de Sua vida de Ressurreição. E essa vida de homem novo abre-se à humanidade inteira. Por isso a consagração religiosa possui também projeção universal.

b) A luz

A transformação interior, operada no íntimo de cada pessoa consagrada, pelo mistério da vocação ao seguimento e incorporação no mistério Pascal de Jesus Cristo, não é alheia à transformação da história toda, da humanidade inteira. A aplicação dos frutos da obra salvífica de Jesus, a economia da redenção não se esgotam na transformação individual. "É essencial, para essa 'economia', a transformação do cosmos todo, através do coração do homem, a partir do interior" (RD 9). Portanto, não se trata simplesmente de mudanças intencionais, mas de mudanças reais. Tudo deve ser transformado, mas partindo-se de um coração transformado que indica a mudança da sociedade e da história, para a glorificação do Pai, por e em Jesus Cristo.

Os votos — que nos fazem penetrar no mistério da Páscoa — “constituem o meio mais radical para mudar, no coração do homem, tal relação com o mundo: Com o mundo exterior e com o próprio eu que é de certo modo o ponto central do mundo, no sentido bíblico, se nesse eu se arraigar o que não procede do Pai” (RD 9). A nova criatura, que deve se revelar no próprio eu, não acaba na esfera do individual. Projeta-se “também na dimensão interpessoal e social através do eu humano” (RD 10). “Portanto, ao mesmo tempo, emerge na humanidade como parte do mundo criado por Deus; do mundo que o Pai novamente amou em seu eterno Filho, Redentor desse mesmo mundo” (ibid).

A incorporação no mistério da Páscoa, coroamento do processo de seguimento de Jesus —, abre-nos, uma vertente dupla: a profundidade de uma experiência de redenção e a universalidade de relações sem limites, projetadas sobre o mundo inteiro, toda a sociedade e história que devem receber a boa nova do Evangelho da própria Redenção em Cristo Jesus.

De novo, no nível cristológico, o eixo que permite articular as dimensões de raiz e luz, é o mistério da Páscoa, da Paixão e Ressurreição de Jesus Cristo. Esse mistério exprime e realiza, a nível cristológico, aquela característica antropológica do abandonar um tesouro para receber outro, novo. Em nível antropológico, se essa substituição de tesouros significa o que ocorre com a vocação e a obediência ao apelo, em nível cris-

tológico tal substituição se realiza no sentido do homem velho mudado em homem novo, e não no sentido de algo que o homem tem e disso espera seu valor; há um novo ser no Senhor.

c) O mistério da Páscoa e os votos religiosos

É no campo dos sacramentos da Igreja, pelo batismo, que se dá a expressão existencial da mudança do sentido da vida, do ter para o ser, do egoísmo para a comunhão. Morre-se ao pecado para ressuscitar com Cristo. O Papa fundamenta a consagração religiosa na raiz do batismo.

Podemos considerar essa raiz da consagração a partir de duas perspectivas. Uma, enquanto o batismo é o sacramento de incorporação à Igreja; outra, enquanto o batismo nos incorpora ao mistério Pascal do Senhor. São duas dimensões intimamente unidas, pois a Igreja vive do mistério da Páscoa, nasce do Coração de Cristo e vive com amor nupcial sua comunhão com ELE.

A teologia dos votos, tal como o Papa a apresenta nessa Exortação, acha-se fortemente ligada ao Mistério Pascal, explicitando o aniquilamento e a ressurreição do Senhor. Adiante voltaremos a esse tema, para explicitar as dimensões eclesiais dos votos, quer dizer, a forma como encarnam a resposta da Igreja unida por amor sponsal com o mesmo Cristo.

Como vitória de Cristo, que transforma o homem do pecado à vida

da graça, os votos manifestam as maravilhosas transformações realizadas por Deus. “Como efeito: a castidade evangélica nos ajuda a transformar, em nossa vida interior, aquilo que acha sua raiz na concupiscência da carne; a pobreza evangélica transforma tudo que acha sua raiz na concupiscência dos olhos; finalmente a obediência evangélica permite-nos transformar radicalmente o que, no coração humano, brota da soberba da Vida” (RD 9).

O homem novo manifesta o poder do amor de Deus. “A profissão religiosa põe no coração de cada pessoa — no de cada um de vós, queridos Irmãos e Irmãs —, o amor do Pai, aquele amor que está no Coração de Jesus Cristo, Redentor do mundo. Esse é o amor que abarca o mundo e tudo que vem do Pai. Tende a vencer, no mundo, tudo que **não vem do Pai**. Por conseguinte leva a vencer a tríplice concupiscência. **A concupiscência da carne, a dos olhos e a soberba da vida** estão no homem como herança do pecado original; em consequência disso a relação com o mundo — criado por Deus e dado em senhorio ao homem —, achou-se reformulada de diversas maneiras, no coração humano” (RD 9).

Em nível antropológico, ao escutarmos a voz de Jesus exortando-nos a vender tudo e dá-lo aos pobres, isto é, como o explicita o Papa, a abandonar uma hierarquia de valores centrados no ter, a fim de passar para outra hierarquia, centrada no ser, estávamos vivendo já o mistério da luta entre a concupis-

cência da carne, dos olhos e a soberba da vida (tudo isso expressão do projeto do ter), e o apelo ao novo tesouro como renúncia a essas concupiscências, apelo a um novo modo de vida (tudo isso expresso no projeto do ser solidário em doação). Com efeito: o ter perverte o relacionamento com as coisas, se por causa do ter deixamos de amar a Deus e ao próximo. No projeto criador, as coisas criadas devem servir às pessoas criadas e, acima de tudo, devem ser caminho para a realização pessoal e comunitária de cada uma delas. Nunca podem ser obstáculos, impecilhos. O ter perverteu o relacionamento com os demais, postergando suas necessidades, e ignorando-os. Por fim, o ter tornou impossível seguir o convite de Deus, porque insensibiliza e incapacita para se intuir um novo tesouro.

Portanto, a partir do mistério Pascal, o nível cristológico reafirma o caráter antagônico entre o reino do pecado (com sua concupiscência) e o Reino de Deus. A luta entre o bem e o mal — que confronta todo ser humano —, se revela com traços nítidos no pecado, que traz a morte e destrói a vida de Jesus, e no bem que triunfa sobre o pecado e a morte, pela Ressurreição de Cristo. A vitória de Cristo se projeta no dom do batismo.

Os dois níveis considerados até agora, se integram por uma lógica profunda. O nível antropológico recebe sua profundidade pelo exemplo de Jesus. Homem perfeito, que

encarna e realiza em si mesmo o caminhar de todo ser para o Pai. Por isso sua vocação — ou sua chamada —, não consiste em programa abstrato de perfeições morais, mas nos convida a sermos “como Deus”, sendo “como Jesus”. Por isso o nível antropológico desemboca no cristológico, pois a substituição de tesouros — chave da compreensão para transformar o “ter” em “ser” — se realiza no mistério Pascal, como passagem do homem “velho” para o “novo”.

3. NÍVEL ECLESIOLOGICO

Podemos passar, agora, do nível cristológico ao eclesiológico. O mistério da Páscoa, próprio do nível cristológico, vincula-se intimamente ao sacramento do batismo e, a partir daí, à consagração religiosa. Nascida do lado de Cristo, a Igreja é engendrada por Ele e a Ele consagrada como Esposa fiel, constituindo-se o terceiro âmbito ou nível da experiência de vida consagrada.

Novamente consideramos aqui as duas dimensões de raiz e de luz, isto é, profundidade da experiência religiosa e sua projeção universal. Há também uma continuidade dos conceitos-chave, dos níveis anteriores: substituição de tesouros e mistério Pascal. A consagração religiosa, nos três votos, expressa o “novo tesouro” pelo qual vendemos e entregamos tudo; também exprime a incorporação ao mistério da Páscoa. E, finalmente, constitui uma forma de vida e de vocação cristã no seio da Igreja, enriquecendo este Corpo de Cristo com

um dom carismático do Espírito para o bem da comunidade toda e de sua missão evangelizadora.

a) A raiz

Como apelo interpelador da liberdade humana, a vocação abre-a para a doação, novo modo de viver, que é um tesouro do Reino. Esse apelo e essa renúncia se aprofundam em Cristo pelo mistério de sua cruz. A radicalidade da experiência vocacional, a nível de Igreja, recebe o caráter de testemunho do amor.

Consideramos os votos como expressão do homem novo, nascido da incorporação ao mistério Pascal. Mas os votos também refletem a resposta da Igreja ao amor de Cristo. Por isso a Vida Religiosa torna-se testemunha para a comunidade.

Como podem os votos refletir o amor da Igreja por Cristo? O Papa estabelece sutil distinção. A castidade diferencia-se dos outros votos porque “coloca em destaque o **caráter esponsal** do amor”. E acrescenta: “enquanto a pobreza e ainda mais a obediência parecem destacar sobretudo o aspecto do amor redentor, na consagração religiosa” (RD 11).

Em Cristo revela-se o amor redentor, que, em última análise, procede do Pai. Ao sublinhar o termo **amor**, destacamos o fato de que a redenção surge da profundidade do Coração de Deus. Mas ao sublinhar a palavra **redentor**, tornamos patente a fecundidade desse amor para mudar as relações humanas.

É assim que a Vida Religiosa se torna testemunha do **amor redentor**. Enquanto **amor** reflete o coração da Igreja, esposa fiel e solícita no cuidar das coisas do Senhor (castidade). Enquanto amor redentor revela novas relações com as coisas (pobreza) e com as pessoas, submetendo-se ao projeto de Deus (obediência).

A fecundidade desse amor que redime — o do Coração de Jesus Cristo —, revela-se na doação, no compartilhar os bens com os pobres, tudo isso vivido pela Igreja como fruto da redenção. Para nós religiosos da América Latina, um modo radical e exigente de manifestar o fruto da redenção é viver, com todas as suas consequências, a opção pelos pobres. Tal como Puebla nos diz: a evangelização dos pobres é, por excelência, sinal e prova da missão de Jesus (DP 1142). Puebla chega a afirmar que o serviço aos pobres é a medida privilegiada, mas não excludente, do nosso seguimento de Jesus Cristo (DP 1145).

Por sua parte a obediência revela a disponibilidade do homem novo à ação do Espírito. Através das relações entre autoridade e obediência, na Igreja, manifesta-se a submissão de toda a comunidade ao projeto salvífico de Jesus.

Os votos, com matizes e acentos diferentes, tornam patente o amor redentor de Jesus pela Igreja e pela humanidade e por sua vez, a correspondência da Igreja a esse amor redentor, e a partir dessa fidelidade, seu caráter de sinal de salvação para a humanidade toda.

b) A luz

A vida consagrada testemunha esse amor redentor, não só por sua radicalidade, como também se projeta como dom do Espírito para toda a humanidade, cumprindo a missão evangelizadora da Igreja.

A projeção apostólica — essencial a qualquer Vida Religiosa —, fica reforçada desde o momento em que o apostólico não se reduz a “fazer algo”, mas surge do próprio “ser” consagrado. O Papa chama a atenção, fortemente, sobre isso: “A obra do apostolado, verdadeiramente fundamental, permanece sempre o que vós sois dentro da Igreja” (RD 15). Na raiz de todo o agir apostólico do religioso deve estar seu próprio ser. Isso permite qualificar ações por um selo característico, testemunhando a consagração religiosa como fruto do batismo, ações que também podem ser realizadas por um não-religioso.

c) Consagração e batismo

O Papa vincula, insistentemente, a consagração religiosa ao batismo. Desse modo ele situa o religioso no seio da comunidade eclesial; mas também faz notar o específico de seu serviço e de sua missão. Com efeito, trata-se de um modo de expressar os três temas-chave que fomos assinalando ao considerar os três níveis. De forma particular e radical, o religioso vive a substituição de tesouros ao nível antropológico, a inserção no mistério Pascal ao nível cristológico, e o batismo ao nível eclesiológico. Tais experiências são co-

munis a todos os irmãos na fé, a um só tempo, e portanto nada distingue o religioso dos demais homens. No entanto o estilo de vida que o religioso escolheu — consequência da resposta a uma outra eleição, gratuita, percebida ao contemplar o olhar de Cristo e ouvindo sua voz a convidá-lo, levam esse mesmo religioso a viver radicalmente as exigências comuns a todos, a testemunhar permanentemente o definitivo e o absoluto.

O Papa termina sua Exortação Apostólica mostrando Maria como perfeito exemplo de amor, acolhendo a redenção de Cristo. Mãe da Igreja, sua vida é exemplo para todos; porém, particularmente, é modelo para os religiosos, estimulando-os à perfeita observância dos votos; fidelidade essa enriquecida ao meditar a dupla relação que eles têm com os mistérios da fé: a Páscoa de Jesus e a sua Igreja.

CONCLUSÃO

Essa apresentação da mensagem do Papa levou-nos a insistir em dois aspectos de capital importância: o radical da experiência pessoal e o iluminador das projeções universais. O Papa também insiste fortemente na unidade de ambos. Nossa própria experiência latino-americana de Vida Religiosa colocou em destaque as urgências e questionamentos nascidos da missão, tornando também aguda a necessidade de reflexão sobre o sentido profundo do nosso ser. Por conseguinte, as duas dimensões são inseparáveis: a identidade e o serviço. Querendo oferecer nossa contribuição à história latino-americana,

fomos levados a pensar o que somos; querendo aprofundar o sentido do nosso ser, descobrimos, nisso mesmo, sua capacidade evangelizadora e suas exigências missionárias.

No final de sua exortação, o Papa tem uma frase feliz: “ver com os olhos iluminados do coração”. Aí encontramos confirmada a intuição central do nosso trabalho: as duas linhas, “a raiz” e “a luz”, traduzindo as duas dimensões, a profundidade e a universalidade. O ser religioso só pode ser compreendido a partir do coração, pois todo esse ser torna-se diálogo de amor, entre um convite e uma resposta. Por sua vez, não há como compreender esse ser, se nele não percebemos o universal de toda pergunta e de toda angústia da humanidade. Os “olhos iluminados do coração” olham tudo como o mesmo Jesus olha; vêem, na história e na natureza a transparência das realidades que conduzem sempre para Deus. Só se pode ter olhos iluminados quando se tem um coração puro, permitindo ver a Deus.

A celebração dos 25 anos da CLAR é feliz momento — e privilegiado! —, para acolher a mensagem do Papa a todos os religiosos da Igreja. Com efeito, tal celebração torna-se convite ao exame de consciência, à ação de graças, e à generosa renovação. A Exortação Apostólica “Redemptionis Donum” nos prestará inestimável auxílio ao meditarmos sobre nosso ser religioso, a fim de assumirmos responsavelmente, nossa vocação de serviço, dentro da Igreja, para a evangelização dos nossos povos latino-americanos.

A VIVÊNCIA DAS BEM-AVENTURANÇAS COMO CAMINHO DA ESPIRITUALIDADE

Pe. Virgílio Ciaccio, ssp

“Os Religiosos, com sua vivência, testemunham de modo admirável e singular, que o mundo não pode ser transformado e oferecido a Deus senão através do espírito das Bem-aventuranças” (LG, 31).

O ateísmo prático

Não há dúvida de que uma respeitável faixa da Vida Religiosa acabou nos braços de um certo ateísmo prático. Temos visto com a maior frequência religiosos e religiosas correrem pressurosos para encontros palestras, planejamentos, avaliações, reuniões, cursos... Nada contra. Mas somos tentados de indagar se na base desta correria toda existe o respaldo de uma espiritualidade profunda: aquele manancial de água pura que garante a eficácia dos empreendimentos e a sobrevivência da fé.

Correm, Bíblia debaixo do braço. Mas nem por isso temos a obrigação de acreditar que a presença da Palavra escrita seja garantia de que a vontade do Pai está sendo feita. Há religiosos que são mestres em manusear a Palavra de Deus com a maior desenvoltura, dobrando-a à própria vontade e às próprias categorias mentais, fazendo-a instrumento para que possam triunfar determinados pon-

tos de vista e determinados planos, nem sempre recomendáveis.

A Palavra, quando se esquece Aquele que a pronunciou e quando se ignora o espírito com que Ele a pronunciou, acaba sempre se tornando uma arma enguiçada, enferrujada, inofensiva. De qualquer forma, é sempre possível que faltem a fé e a espiritualidade justamente lá onde a Bíblia campeia e a Palavra, nela contida, é proclamada a plenos pulmões: basta interpretá-la ao sabor dos nossos caprichos e à revelia do seu legítimo Autor.

Na teoria, acreditamos no Deus que criou o céu e a terra, no Deus que primeiro nos amou e que entregou à morte o seu próprio Filho. Na prática, empurramos este Deus ao quarto das vassouras ou deixamo-lo enclausurado num tabernáculo dourado, uma vez que, lá fora, Ele seria uma grande atrapalhação para nós.

Hipnotizados pela ação prática, delirando pela movimentação e pela correria da vida moderna, com a maior facilidade preterimos e dispen-

samos a contemplação, a meditação da Palavra, a oração e os Sacramentos, fonte exclusiva de toda a vida espiritual. E é assim que nós, os Religiosos ou uma larga faixa dentre nós, consumamos o nosso ateísmo prático e a nossa traição.

Doutro lado, é bem verdade que delirar só pela contemplação quando não for esse o nosso carisma — e abandonar o homem que luta pela liberdade, pela justiça e pelo pão, também seria uma traição do espírito do Evangelho. E sabemos como é grande a tentação de fugir para um deserto de tranqüilidade; tão grande e tão antiga, que gerou em nossos dias a compreensível debandada para um ativismo um tanto considerado.

Seja bem claro que, o ativismo sadio, a participação nas lutas e nas angústias do homem de hoje, e o serviço fraterno, devem ser também a nossa bandeira. Mas, contanto que nos voltemos continuamente às fontes da água viva, às raízes da espiritualidade, para que a árvore da Vida Religiosa não morra e as rodas da ação apostólica não girem no vazio.

Em resumo, todo religioso precisa ser Maria e Marta, Moisés e Josué ao mesmo tempo. Não é possível delegar alguns para assumirem o papel de Maria e de Moisés, enquanto outros se encarregarão de desenvolver o papel de Marta e de Josué. Mas todos devem fazer próprias as duas diferentes atitudes — contemplação e ação — para que a Vida Religiosa possa correr num trilho de equilíbrio e de harmonia.

“A água que eu der”

Como tudo foi feito por meio da Palavra, e sem ela nada foi feito de tudo o que existe (cf. Jo 1,3), assim a Vida Religiosa também nasceu da Palavra de Deus. A Palavra é o seio original de todos os consagrados a uma vocação de serviço radical, a mãe alimentadora de todos os carismas que o Espírito soprou nas mentes dos Fundadores, a fonte de emanção da vida espiritual e o ponto de retorno para o reabastecimento.

Não se pode entender como é que um religioso ou uma religiosa pretendam bancar os “mestres em Israel”: mestres de libertação e de salvação, de amor e de justiça — se não forem capazes de buscar na Palavra revelada aquilo que pleiteiam distribuir. Pois, só “a água que eu lhes der tornar-se-á neles uma fonte de água viva jorrando para a vida eterna” (Jo 4,14). Deixando de voltar-se para a fonte da água viva, o religioso só pode contrabandear água poluída.

Graças a Deus, hoje é muito difícil tapear o homem; ele sabe distinguir a mercadoria genuína da mercadoria estragada... Por isso a Vida Religiosa, hoje mais que no passado, precisa preparar-se primeiro a vivenciar a Palavra; precisa aprender a pregar sem livro e sem palavras, apenas pela vida. É a tarefa mais árdua; mas ninguém tem o direito de fazer-se de profeta no meio do povo, se primeiro não vivenciar aquilo que anuncia.

A missão de anunciar e denunciar, emprestando à Palavra de Deus a

própria voz, só vem em segundo lugar. Justamente porque o anúncio e a denúncia, para terem credibilidade, postulam o testemunho da vivência. Só assim irá se confirmar que tudo quanto Deus falou e o profeta fica repetindo, corresponde à pura verdade.

BEM-AVENTURANÇAS : ponto mais alto da Palavra revelada

Quando falamos da Palavra de Deus a ser tida como fonte da espiritualidade da Vida Religiosa, é sobretudo para as Bem-aventuranças que precisa voltar-se o nosso pensamento. Pois, são elas o ponto mais sublime da Palavra revelada e o núcleo do anúncio de Cristo.

Nelas se evidenciam:

— a força dos pobres e oprimidos, força que eles encontram em Deus, não na riqueza ou no poder;

— a herança dos humildes e pequeninos, pedras descartadas pelos construtores desta sociedade, mas que acabarão sendo as pedras fundamentais do mundo novo;

— o consolo dos aflitos, que choram por não se conformarem com este mundo violento, mas clamam pelo advento do Reino de Cristo;

— a saciedade dos que estão com fome de justiça; eles jejuam enquanto justiça não seja feita, mas dia virá em que haverão de se fartar;

— a felicidade dos que acreditam na civilização do amor e do perdão

como caminho para uma sociedade mais humana, sem incomodar as armas, a repressão e a violência;

— a luminosidade dos honestos que, no meio de tantas roubeiras, imoralidade e mentiras são os únicos a terem a percepção da beleza de Deus e da sua Verdade;

— a suprema dignidade dos que semeiam a paz, proclamados filhos de Deus porque, semeando a paz eles semeiam o próprio Deus, já que PAZ é outro nome de Deus;

— a glória dos que enfrentam desterro, perseguição e morte por causa da justiça, declarados legítimos cidadãos do Reino de Deus, que é o Reino dos justos (cf. Mt 5,1-10).

BEM-AVENTURANÇAS : protesto de Deus

As Bem-aventuranças não foram proclamadas para sacramentar a miséria, a violência, as lágrimas, as perseguições... Mas são como que o protesto de Deus contra todas essas situações distorcidas que o egoísmo humano aprontou.

É que Deus tinha feito os homens todos iguais e preparado um mundo bonito para todos. Alguém mexeu em sua obra e em seus planos, e Ele se viu obrigado a reclamar e a tomar partido pelos pobres, pelos humilhados, pelos sofredores, pelos injustiçados e pelos perseguidos.

É certo que a imagem de um Deus “partidário”, que se coloca contra

alguém e em favor de alguém, faz muita gente torcer o nariz... Ele, que prometeu mandar o sol e a chuva à horta dos justos e dos injustos, não pode ser apenas um Deus de pobres, aflitos e perseguidos; não pode desembainhar a espada para ferir os malcomportados e escancarar os braços para acarinhar seus preferidos...

Pode parecer incrível, mas é um Deus assim que também Nossa Senhora nos apresenta em seu cântico. Um Deus que ostenta toda valentia de seu braço para esmagar os orgulhosos; um Deus que derruba poderosos e promove humildes; um Deus que joga ricos egoístas à miséria e cumula pobres com seus dons.

Mas afinal, Deus não é Pai de todos? É Pai de todos, e a todos ama com o mesmo amor. Só que Ele mostra seu amor e sua paternidade de formas diferentes: a uns, levantando-os de suas angústias e promovendo-os; a outros, castigando-os e tirando-lhes as armas com que praticam o mal, para que eles também cheguem a se converter e viver. Nada de partidarismos, portanto; mas duas facetas diversas da mesma providência, da mesma paternidade e do mesmo amor.

Deus se vê obrigado a fazer uma "opção preferencial pelos pobres", mas ao mesmo tempo protesta contra qualquer situação de pobreza. Ele promove os mansos que sabem usar de paciência com os violentos, mas reclama de toda violência e de todo violento. Enxuga as lágrimas dos aflitos, mas não se conforma com as

causas das aflições. Promove os que amam a justiça, mas levanta a voz contra os injustos. Exalta os que sabem perdoar, mas denuncia as vinganças e as repressões. Espelha-se nos puros e nos honestos, mas castiga as imoralidades, os subornos e as falsidades. Mostra seu rosto amigo aos que semeiam a paz, mas anuncia ruínas aos que fabricam armas de guerra. Ampara os injustamente perseguidos, mas confunde os desígnios dos perseguidores.

BEM-AVENTURANÇAS, hoje

Que sentido têm as Bem-aventuranças, hoje? Fixemo-nos apenas na primeira delas, a da pobreza, já que as outras são variações desta. Mas, o que significa a palavra "pobreza" nesta sociedade que luta com unhas e dentes para ser rica, competitiva, forte, dominadora, temida?

Proclamar felizes os pobres perante a maioria da humanidade que está tão longe de ter resolvido o problema da fome, não seria um ultraje e uma provocação? Os que sofrem, os que reclamam por justiça e paz, os que lutam para sair das condições lastimáveis em que a sociedade os enxotou, não irão pensar que as Bem-aventuranças são um obstáculo à libertação e que, na verdade, a religião é mesmo o "ópio do povo"?

Eu me sinto constrangido quando me ocorre proclamar no meio do povo: "Felizes os pobres". Porém, acabo sempre me convencendo de que não tenho o direito de me escandalizar das palavras de Cristo, uma vez

que Cristo não abriu a boca para zombar dos pobres. E se os proclama felizes, é porque são **mais ostensivamente** amados por ele, não porque são pobres. Pois, nisso consiste a felicidade de alguém: em ser amado por Cristo, não em ser pobre, sofrido, humilhado...

Entendemos, hoje, que as Bem-aventuranças não visam promover a pobreza, o sofrimento, a perseguição; mas visam promover o homem pobre, sofrido e perseguido. Elas não são apenas promessas de um além mais feliz; mas contêm as sementes de um mundo melhor e abrem perspectivas para mudanças radicais, aqui e agora.

Entendemos também que proclamando felizes os pobres e sofredores, Cristo lança uma pedra na consciência adormecida dos governantes e dos que detêm as chaves do poder econômico, bem como na nossa consciência. E nos convida a colocarmos em ação leis, riquezas, energias, inteligência, amor e vida, a fim de que os pobres e sofredores não tenham que aguardar a morte para experimentarem um pouco de felicidade.

A felicidade eterna, é Deus quem a garante. Mas a felicidade neste mundo depende de nós. E Deus não costuma fazer o que nós mesmos podemos e devemos fazer.

Opção pelos pobres: por quê?

Deus privilegia os pobres com um amor mais "ostensivo"; amor tantas vezes revelado por sua Palavra e pe-

los gestos concretos do Verbo encarnado.

E não porque os pobres sejam melhores que os ricos. Cabe-nos reconhecer a preocupação e a generosidade de muitos destes. E cabe-nos reconhecer também as injustiças praticadas por alguns pobres, como a "máfia das favelas": pobres que aterrorizam e exploram outros pobres. Esta, porém, é mais uma consequência da miséria que nós mesmos deixamos proliferar, e um motivo a mais para correremos à luta.

Deus privilegia mais os pobres porque seu nome é "Justo" e "Santo", e não gosta de injustiças; pois, toda injustiça é lesiva à honra de seu Reino. Ora, pobreza material e moral, sofrimento e perseguições são quase sempre os frutos amargos da injustiça. Deus assume a defesa dos pobres, uma vez que eles não têm outro defensor.

E também porque existe um laço de união muito profunda entre Deus e os pobres, já que Ele veio ao mundo na condição de pobre. Pobre, não tanto porque "nem tinha onde reclinar a cabeça", quanto porque foi desprezado, marginalizado humilhado, injustamente condenado e executado. Ele, embora sendo Deus, despojou-se de toda sua dignidade e entregou-se em nossas mãos. E nós o reduzimos a malfeitor, e o levamos a morrer fora da cidade.

Então, não temos o direito de rasgar nossas vestes por esta sua "opção". Nem temos o direito de fugir perante a existência de nós mesmos optarmos pelos pobres...

A Redenção é obra de um Pobre. Por isso, todas as vezes que nos ajoelharmos diante do Crucificado, é diante de um Pobre que nos estamos ajoelhando. E os ricos em bens materiais, se quiserem ser salvos, é aos pobres que precisam se converter; voltar-se para eles com amor e gratidão, porque é do meio deles que surgiu o Salvador de todos.

Encarnar as Bem-aventuranças

A esta altura nós, os Religiosos, precisamos olhar para dentro da nossa consciência, para ver realmente se assimilamos a severa espiritualidade que promana das Bem-aventuranças. Elas são como que o resumo da espiritualidade que Cristo nos legou, que consiste em despojar-se de tudo para ter a liberdade de dedicar-se ao serviço do Reino.

A Vida Religiosa é chamada a realizar urgentemente a sua **kenósis**, uma espécie de "strip-tease" espiritual, que consiste em desfazer-se de tudo quanto mantém um homem escravo de si mesmo ou do outro a partir da riqueza iníqua até às idéias personalísticas, culto da personalidade, egoísmo, orgulho, ambição e todo tipo de pecado... E assim a Vida Religiosa, purificada e liberta, poderá ser devolvida à causa do Reino sobre a terra.

Como já dissemos, nem todos têm o direito de proclamar as Bem-aventuranças; só aqueles que aprenderam a vivenciá-las. Melhor ainda: só aqueles que souberam encarná-las no mundo de hoje. E as mudanças e as transformações radicais que elas pro-

fetizam, só irão acontecer na medida em que houver alguém que as assuma como norma de vida e tenha a coragem de se revestir do espírito daquele que primeiro as proclamou na montanha...

Isso significa que, ao soltarmos louvores à pobreza evangélica, precisamos encarnar e viver a pobreza. E não adianta querer encarnar a "pobreza do espírito". Porque, se é para nos apresentarmos ao homem de hoje tão-somente com a etiqueta de "pobres em espírito", mas com uma gorda conta na caderneta de poupança, aí seria fácil demais abraçarmos a Vida Religiosa. Mas é que Cristo nos chama a encarnar uma pobreza visível a olho nu. Não dá para blefar.

Cabe-nos reconhecer, e com toda lealdade que nós, os Religiosos, não estamos encarnando as Bem-aventuranças, uma vez que, salvo raras exceções, não podemos alistar-nos entre os pobres. Não sendo pobres, satisfazemo-nos em viver uma pobreza formal e à flor da pele. Deixamos de gastar dinheiro em coisas supérfluas, mas sem pensar que isso não é ainda espírito de pobreza, e sim espírito de economia. Pois, tal gesto quase nunca beneficia os mais pobres, se é verdade que o dinheiro poupado vai se amontoando na caixa comum. É o triunfo do espírito de poupança do Tio Patinhas...

Renunciamos a algum passeio e lazer, mas nem sempre renunciamos à iníqua riqueza do orgulho e da dominação sobre os mais fracos. Renunciamos a um par de sapatos mais

vistosos, mas nem sempre renunciamos à sutil satisfação de trocar ofensas por ofensas.

É em coisas assim que se manifesta o nosso "ateísmo prático" ou a nossa total falta de espiritualidade. E as conseqüências disso, todos estamos vendo. Faz dois mil anos que proclamamos as Bem-aventuranças; mas os pobres são cada vez mais infelizes, os que choram não conseguem encontrar consolo, os perseguidos continuam sendo impunemente acossados pelos perseguidores.

Faz dois mil anos que, contagiados pelo cântico de Belém, imploramos paz em toda a terra; mas parece que a paz continua cada vez mais remota. Faz dois mil anos que lutamos por uma sociedade mais humana e fraterna; mas ela está cada vez mais violenta e feroz. Batalhamos para pôr um freio aos sistemas de exploração, mas a exploração nunca pára de crescer. Arriscamos a vida por defender a vida dos mais fracos; mas só vemos triunfar os direitos e os privilégios dos mais fortes. Noite e dia rezamos para que a violência acabe; mas, como resposta, vieram as leis de segurança nacional, que não passam de violências legalizadas.

Por quê?

Não porque faltem nossas denúncias e nossa ação. Mas porque faltam nosso testemunho, nossa vivência e a coragem de encarnar as Bem-aventuranças. Em outras palavras, falta-nos a base firme da espiritualidade evangélica e, faltando isso, abdicamos à missão de ser "sinais".

Mesmo assim, continuamos teimosos pelo nosso caminho. E pretendemos transformar a face da terra lutando apenas com as nossas forças, mas sem contar com a força de Deus; pensamos apenas com nossas cabeças, sem recorrer à sabedoria de Deus; avaliamos a realidade com nossos olhos, incapazes de olhar e julgar com os olhos de Deus.

Os Religiosos que Deus espera

Para podermos entrar no clímax da espiritualidade evangélica, não devemos ter medo de deixar o sopro ardente da Palavra de Deus investir-nos em pleno rosto; nem devemos ter medo de ficar incomodados pelas duras profecias das Bem-aventuranças. E se ainda não podemos ser classificados entre as legiões dos pobres, chegou a hora de tomarmos as devidas providências.

Nós, que contávamos com as nossas energias e a nossa capacidade de movimentar-nos o dia todo, sem preocupar-nos em buscar um tempo para a contemplação — fiquemos sabendo que Deus não passa e não entra no mundo através da nossa movimentação.

Nós, que tanta confiança tínhamos em nossos títulos de professores de teologia e de sociologia — fiquemos sabendo que os únicos entendidos de Deus são os humildes e os pequeninos, os sem títulos, aqueles que nós costumamos empurrar para as margens das comunidades. Só eles estão em condição de explicar-nos os segredos do Reino.

“Deus me enviou para anunciar o Evangelho sem recorrer à sabedoria da linguagem, a fim de que não se torne inútil a cruz de Cristo... Pois está escrito: ‘Destruirei a sabedoria dos sábios e aniquilarei a inteligência dos inteligentes’... O que é loucura no mundo, Deus o escolheu para confundir os sábios; e, o que é fraqueza no mundo, Deus o escolheu para confundir o que é forte; e, o que no mundo é vil e desprezado, o que não é, Deus escolheu para reduzir a nada o que é” (1Cor 1,17 passim).

Existem tantas maneiras de ser rico... Mas é certo que Deus quer religiosos pobres para evangelizar os pobres. Pobres de fato, para que estejam por dentro da angústia dos que sofrem e passam fome. E pobres no espírito, isto é, livres de qualquer subordinação ao orgulho pessoal e aos poderes deste mundo. Que saibam reconhecer a primazia do Reino, que está acima de qualquer realidade terrena. E saibam também que o Reino jamais será realizado enquanto houver uma criança morrendo de fome e enquanto o último excluído não for integrado na convivência humana.

Os Religiosos que o mundo espera

“Quem fraqueja, sem que eu também me sinta fraco? Quem cai, sem que eu também me abraze?” (2Cor 11,29).

São estes os Religiosos que têm o direito de existir e que o mundo está aguardando. Gente que saiba fazer-se solidária com aqueles que fra-

quejam e caem, com os famintos, os perseguidos e oprimidos. Para a Vida Religiosa cumprir sua missão aqui na terra, é necessário que haja uma oposição radical entre ela e a sociedade do consumo e da exploração. Nada de conluíus com as leis de segurança nacional, nada de idílios com os poderosos...

Deve ser a lógica da liberdade contra a lógica da opressão; a lógica da mansidão contra a lógica do egoísmo; a lógica do amor contra a lógica do ódio; a lógica da vida contra a lógica da morte.

O mundo precisa de homens que saibam confiar no poder de Deus, não no poder do dinheiro e das armas. Precisa dos misericordiosos e dos mansos, não dos que pretendem endireitar a situação pela repressão violenta. Precisa de quem saiba dar a vida pela justiça e pela paz, não de quem proclama a justiça enquanto cogita defraudar o irmão, de quem fala de paz enquanto planeja a guerra. Precisa de libertadores, não de quem está pronto para acorrentar o homem ao seu próprio coche, prometendo felicidades ilusórias...

Jesus disse que a terra aos mansos pertence. Mas dela se apoderaram os violentos e os exploradores. Em cima dela, abusivamente se asentaram os ambiciosos, os corruptos e corruptores, os aliciadores e os “biônicos”. Eles se apresentam “com dois chifres na cabeça como o Cordeiro, mas falam como o dragão” (Ap 13,11): têm o descaramento de se disfarçarem em representantes do poder de Deus, mas na verdade fa-

lam a linguagem de satanás e agem em nome dele.

Por isso, a tristeza está tomando conta da grande massa, nesta espera sem fim de que Deus venha realizar a libertação prometida. E os nossos corações também estão ficando pesados pela angústia de vermos a terra tão maltratada e os filhos de Deus tão sofridos. E mais angustiados ficamos por não sermos ainda aqueles profetas destemidos que o mundo espera.

Nesta paisagem deprimente, não podemos perder a esperança de que as coisas irão voltar a seu devido lugar. E isso irá acontecer assim que nós o quisermos; assim que nos decidirmos a encarnar as Bem-aventuranças.

Santos de hoje

Hoje, não basta mais apresentar ao homem as lindas histórias dos santos do passado. Ele não mais se satisfaz em ouvir; pretende ver para crer. Pretende ver, não santos de madeira ou de mármore, mas santos vivos, em carne e osso. Nem basta apresentar ao homem a imagem apocalíptica dos "cento e quarenta e quatro mil assinalados" ou a "imensa multidão" daqueles que rodeiam e acompanham o Cordeiro em sua glória; o homem prefere ver santos acompanhando a peregrinação dos filhos de Deus aqui na terra.

Sim, o homem precisa ver para crer. E, graças a Deus, também o tempo de hoje está povoado de san-

tos vivos. São todos aqueles que se fizeram pobres com os pobres, que aprenderam a repartir com seus semelhantes o pão do corpo e o pão da fé, o pão da esperança e o pão do amor. Aqueles que se fizeram aflitos com os aflitos, homens a chorar por verem o sofrimento alheio, ou porque eles próprios foram obrigados a beber o mesmo cálice.

Santos são todos aqueles que se fizeram mansos com os mansos deste mundo, os que não têm voz para reclamarem seus direitos nem força para defenderem suas vidas, e que jamais aceitariam a lógica do "olho por olho"; todos aqueles que não se conformam com as injustiças e que, por não entrarem no esquema dos construtores deste mundo, acabam perseguidos e até eliminados

Santos são todos os misericordiosos que aprenderam de Cristo a lei do perdão; os puros de coração que nunca cedem à libertinagem e ao suborno; os semeadores da paz que sabem, com um gesto de fraternidade, neutralizar todas as armas de guerra.

Aparentemente, essas personagens podem não ter muita importância nem muita força aos olhos da sociedade; podem até sair derrotados ou levar um tiro na cabeça ao denunciarem as arbitrariedades dos senhores do poder e da riqueza. Mas uma coisa é certa: Deus está com eles e, através deles, se revela e age. Não precisamos entrar em pânico, porque a terra está em boas mãos, e não é verdade que ela irá perecer. Pensando neles, em sua dedicação e em sua coragem, o nosso espírito pode se

regozijar e o nosso coração pode continuar a esperar.

A terra da confiança

“Bendito o homem que se fia em Iahweh, cuja confiança é Iahweh. Ele é como uma árvore plantada junto da água, que lança suas raízes para a corrente: ela não teme quando chega o calor, sua folhagem permanece verde; em um ano de seca, ela não se preocupa e não pára de produzir frutos” (Jr 17,7-8).

Quando entramos na vertente das Bem-aventuranças, acabamos sempre por entrar num terreno regado pela água de Deus: a água de sua graça e de seu amor.

E nós, que desde sempre andamos pesquisando para localizar a terra feliz das Bem-aventuranças, afinal desvendamos o grande mistério: trata-se da terra da confiança em Deus. É lá que os pobres são declarados felizes, é lá que os mansos são os donos da situação, os aflitos nadam na esperança, os justos se farriem de seus perseguidores...

Para nós, filhos das Bem-aventuranças, Deus não está nas nuvens ou nas bibliotecas. Está nas bases da nossa existência, nas profundezas do nosso ser; dando sentido ao nosso caminhar, força ao nosso coração e respaldo à nossa fé. Deus é a água profunda da Vida Religiosa. E a árvore da Vida Religiosa, nessa água profunda pode lançar suas raízes, garantindo dessa forma o “verde” perene de sua espiritualidade.

Conclusão

O mergulho incessante no Deus das Bem-aventuranças proporciona a sobrevivência, bem como o crescimento, da Vida Religiosa. Crescimento que deve ser evidenciado, não tanto pelos números, quanto pela qualidade. A falta de crescimento em qualidade denuncia claramente a falta da espiritualidade, que só a vivência das Bem-aventuranças pode nos conferir.

Eu acredito que, se cresceram os meios da evangelização, deve crescer também o nosso amor. Se aprimoramos a nossa formação intelectual, devemos aprimorar também a qualidade da nossa fé. Se aumentou — ahi! — o nosso dinheirinho, deve aumentar também a nossa confiança na força de Deus. Se proliferaram os nossos encontros, cursos e reuniões, devem proliferar também as iniciativas para reconstruirmos a nossa unidade. E se reformamos as nossas fachadas, precisamos reformar também o nosso interior por uma verdadeira conversão.

E assim, a Vida Religiosa preparar-se-á para enfrentar o tempo que vem, harmonizando sua atividade e sua preocupação pelo homem com a busca constante de uma espiritualidade profunda. Valorizando o progresso e as conquistas sociais do homem e valorizando também a vivência das Bem-aventuranças. Secundando os anseios e as esperanças materiais do homem e secundando também os anseios e as esperanças transcendentais do mesmo homem.

De qualquer forma, se quiser recuperar toda a sua credibilidade junto ao homem de hoje, a Vida Religiosa precisa aprender a encarnar o espírito das Bem-aventuranças bem no coração da sociedade do consumo.

Precisa começar a tornar-se um pouco mais pobre em meios materiais e em palavras — e um pouco mais rica em testemunhos de fé, de esperança e de amor.

XI CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL

16 a 21 de julho de 1985 - Aparecida - Estado de São Paulo

ORAÇÃO OFICIAL

Senhor Jesus Cristo, Vós vos fizestes Pão na Eucaristia para reunir numa só família todos os filhos de Deus. Dentro de pouco, na Casa de vossa Mãe, em Aparecida, unireis os irmãos na celebração do XI Congresso Eucarístico Nacional. Desejais, sem dúvida, que vivamos o compromisso do Evangelho através da fraternidade e do amor em cada dia da vida.

Agradecemos com Maria e por Maria todas as coisas maravilhosas que recebemos. Nossa Pátria nasceu, aos pés do Altar, na celebração Eucarística. E assim o Brasil caminhou sempre à luz da Eucaristia. Por isso, louvamos vossa bondade e misericórdia a exaltar os humildes e saciar os famintos com o Pão da vida eterna.

Possuímos a vocação da Eucaristia. Entre nós, porém, muitos passam fome de pão. Muitos sofrem com o ódio e o egoísmo e padecem com a violência e as lutas fratricidas. Não poucos perpetram a injustiça e cometem o pecado!

De tudo vos pedimos perdão, Senhor!

Unimo-nos à Mãe Santíssima que partia convosco o “pão de cada dia” em Nazaré. Reunidos por Maria na celebração da Eucaristia, fonte de unidade e de amor, queremos partilhar com todos a felicidade que todos desejam. Queremos converter-nos para “dar o pão a quem tem fome” e assim construir a civilização do amor.

Para superar ódios e desavenças, iluminai-nos a inteligência na descoberta dos caminhos da fraternidade. Renovai-nos para que nos abramos à justiça, ao diálogo e à paz. Dai-nos o desapego para colocar em comum o que temos e conviver num só coração e numa só alma. Celebraremos, deste modo, a verdadeira comunhão e já na terra teremos o vosso Reino.

Maria, Mãe de Jesus, por vossa Imagem de Padroeira e Rainha, ajudai-nos a viver o que cantastes no “Magnificat”: “Deus fez em nós grandes coisas”.

Amém!

CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA NA COMUNIDADE RELIGIOSA: SENTIDO E EXIGÊNCIAS

Frei Hugo D. Baggio, O.F.M.
Niterói — RJ

1. Quando as realidades se desgastam

Há certos temas que, à primeira vista, parecem repetição ou inutilidade, quando abordados dentro do espaço da vida religiosa. Como há uma série de atitudes e gestos, de comportamentos e ritos, de fundamentações e embasamentos, normalmente tão presente à nossa vida de consagrados que, voltar a eles parece ter sabor de pleonasmo ou redundância. No entanto, tudo isso não aparece tão evidente quando os submetemos a um exame mais detido e minucioso. Parece-me que nesta linha entraria tudo quanto diz respeito ao sacramento da Eucaristia e sua celebração, tão identificado está ele com a vida religiosa. No entanto, quando nos debruçamos sobre a vivência deste sacramento e, sobretudo, quando olhamos para dentro de nós mesmos, lá naquelas regiões recônditas que ninguém vasculha e que nós, por vezes, deixamos de visitar, descobrimos que a verdade é outra: lidamos com mistérios altíssimos, convivemos com a presença de Deus, tentamos levar aos outros uma mensagem de vida, com coerência e tudo, mas esquecemos que, enquanto tudo isso não se tiver transformado em vida nossa,

em identidade, algo tremendamente “nosso”, corremos o risco de estar empinando papagaios ou ser um sino que badala, desafinado por vezes, mais atrapalhando que favorecendo a fé e a vida dos outros. Deus, na sua bondade, de quando em vez, nos concede a graça de percebermos estas incoerências e nos ilumina para que sua ação encontre livre curso em nós, e não sejamos açudes estagnados, mas instrumentos qualificados para levar seu Reino aos outros. Por isso nos animamos a escrever e a ler, sempre de novo, a respeito destas cotidianidades. E, assim, nossas falas e leituras ficam plenamente justificados.

Além do mais, sobre nossos conhecimentos e experiências desaba a carga de nossos engajamentos que, vezes há em que agem como incentivadores e iluminadores de nossas vivências, mas vezes há em que são verdadeiros descorantes e remove-dores, ou até criadores de ambigüidades, mormente quando nossa espiritualidade é atingida pelo raquitismo ou pela imaturidade espiritual, ou atravessa uma fase de horizontes obscuros e vagos, ou quando somos invadidos pela teimosia de cavar cisternas em terrenos estéreis. Porque o vazio que permitimos derramar-se

no nosso interior, ou as substituições que andamos fazendo, na superficialidade crítica que nos avassala, nos transforma em pessoas com um fraco todo especial ao vácuo ou ao superficial em matéria de apostolado...

Deus bem que pode aproveitar-se de algumas palavras alinhavadas e esconder dentro delas sua mensagem sutil, mas decisiva, para que, a tempo, possamos nos voltar para valores sólidos, sem os quais a estrutura que leva o nome de vida religiosa não tem espinha dorsal consistente. Creemos que Deus não cessa de comunicar-se para que tenhamos, como lembra João Paulo II, "os olhos iluminados da inteligência", e sejamos "corroborados na vitalidade do homem interior", e para que, "radicados e alicerçados na caridade, sejamos capazes de compreender, com todos os santos, qual seja a largura, o comprimento, a altura e a profundidade do amor de Cristo..."(1).

2. Quando o amor fala

Ousamos, por isso, trazer à consideração dos religiosos o tema relativo à celebração da Eucaristia, em comunidade, focando, particularmente, seu sentido e seus símbolos e exigências. E partimos falando do **amor de Cristo**. Aqui, um tema sobre o qual muito ouvimos falar, lemos outro tanto, e não deixamos de falar em todas as oportunidades, porque, em verdade, todo o mistério de Deus e o mistério da redenção encontram sua resposta mais cabal no amor de Cristo. Mas, a fragilidade humana

ali está também, para no-lo comprovar, que entre o falar e o sentir, entre o crer e o viver abrem-se abismos de tamanhos vários. Minhas belas palavras, meus conceitos surpreendentes, minhas deduções espetaculares, podem embasar-se apenas no brilhantismo de uma cabeça que raciocina, quando deveriam lançar suas raízes na experiência profunda, minha, como resposta às exigências que este amor faz repercutir em mim. Antes que especialista do assunto-Cristo, sou um vivenciador de Cristo. Não na linha da "propaganda", mas na linha da "vida". Afinal, "o chamamento para seguir o caminho dos conselhos evangélicos nasce do encontro íntimo com o amor de Cristo. É com este amor, exatamente, que Cristo chama. Na estrutura da vocação, o encontro com este amor torna-se algo especificamente pessoal"(2). Ali está, na simplicidade expressa pelo Papa, toda a verdade basal de nossa realidade. Podemos ampliar estas palavras, podemos refletir sobre, podemos desenvolvê-las, até torcê-las, mas o núcleo fica sendo sempre o mesmo: o amor de parte a parte. Encontro de amor. Chamado de amor. Resposta de amor. Amor de eleição. Impulso de amor. Tarefa de amor. Daí, a vida religiosa é, antes de mais nada, um profundo relacionamento com as Pessoas divinas, que se exprime por uma consagração total.

De tal modo amou Deus o mundo, e tendo amado os seus, amou-os até o fim. Bate nestas formulações tudo quanto se possa dizer da realidade da Eucaristia. É a única explicação que me faz aceitar, finalmente, a

presença de Cristo, em meio aos homens, na forma de pão, realidade que S. Francisco exclamativamente classificava: "Ó humildade sublime! Ó humilde sublimidade! O Senhor do universo, Deus e Filho de Deus, se humilha a ponto de se esconder, para nosso bem, na modesta aparência do pão! Vede, irmãos, que humildade a de Deus"!

Mesmo os brilhantes argumentos que um S. Tomás faz desfilar ante a inteligência, empalidecem ante a desafiadora verdade que levou Cristo a ficar conosco. Fazer Eucaristia, participar da Eucaristia, não é outra coisa que recordar este amor, torná-lo presente, desencadeá-lo como um caudal que é lançado na história do homem, particular e coletiva. Não como um sonho fantasioso, como uma galfada de poesia e sim como uma realidade envolvente, que arrebatava o homem na sua totalidade, sem lançá-lo na ilusão do mundo da fantasia, mas fazendo-o perceber a pulsação da vida, em toda sua intensidade. Afinal, ser religioso é ter-se deixado convencer por este amor. Seria útil pensar que no verbo "convencer" encontramos "vencer" que significa capitulação, entrega, reconhecimento de que o outro é mais forte, que fomos por ele subjugados. Esta subjugação não precisa ser especificamente pela força bruta, ou força das armas, mas também pela força do amor. É a cativação. E o prefixo "com" lembra que a ação é bilateral, dos dois lados: valores que se atraem, mutualidade, razões convincentes nos dois campos. Os dois capitulam, deixam de lado as exigências pessoais, os pontos de vis-

ta particulares e entram num pensar-em-comum. Daí comunhão.

Celebrar a Eucaristia é encontrar-se com este amor. O encontro é a renovação e a atualização deste amor. Fazer Eucaristia é fazer com que este amor re-nasça, numa diária repetição do Natal. Só assim se apossa e se transforma em estado e não apenas em momento. Neste particular, corremos sério risco de nos contentarmos com o rito ou com a cerimônia ou com a eloquência verbal e perdemos de vista o **ágape**. Com isso, vive-se o mistério apenas na casca, sem lhe atingir o âmago. Não o levamos conosco, pois não entramos nele, mal pousamos nele. É esta a maneira mais fácil de gerar o vazio, com todas as suas consequências. Há tanta riqueza nos envolvendo, que não nos damos, estranhamente, conta da mesma! Não encontrando este amor de Cristo dificilmente encontraremos o amor dos irmãos. A Eucaristia, como veremos ainda, é a força de viver a comunidade, em fraternidade. Por deixarmos em nós — e conseqüentemente nos outros — a impressão de que não cremos, em verdade ou visceralmente, nesta presença, junto à qual nos encontramos muitas vezes, nossa função esvazia-se. Perde sua eloquência e concreteza. Tanto assim, que ela se torna passageira e, com isso, a comunhão que por definição, é encontro permanente e de profundidade, fica anulada ou empobrecida. Deixa, então, de ser uma força. O ardente Mestre Eckhart escreve tão acertadamente: "No corpo de Nosso Senhor a alma está tão estreitamente unida a Deus que nem to-

dos os anjos, nem os querubins, nem os serafins poderiam reconhecer ou achar uma diferença entre os dois. Pois ali onde tocam Deus, tocam a alma; e ali, onde tocam a alma, tocam a Deus. Nenhuma união foi jamais tão íntima. Pois a alma está unida a Deus de modo mais próximo que o corpo e a alma, que constituem um só homem. Esta união é bem mais íntima que a obtida derramando uma gota de água em um tonel de vinho: ainda terias água e vinho. Mas, aqui, ocorre tal mudança de um em outro, que nenhuma criatura poderia reconhecer a diferença". Não são palavras nascidas de mero entusiasmo, mas a sofrida tentativa de verbalizar uma experiência que as palavras são incapazes de captar.

Só assim, a "consagração" religiosa assume mais que o sentido de uma definição do dicionário religioso, para ter um significado total e vital, vale dizer, que mexe com a vida. Como diz o documento **Perfectae Caritatis**: a consagração é um ato pelo qual o religioso se entrega a Deus, por um título novo e especial; novo, porque todo cristão faz já esta entrega pelo batismo. "Entrega", como doação não de algo ou de alguma coisa, que sempre é parcial, mas de si mesmo, na totalidade do ser: outro aspecto que, na vida cotidiana, por vezes olvidamos e, por isso mesmo a consagração tem reduzida repercussão nos comportamentos da nossa cotidianidade. A consagração, em si, torna-nos característicos, especiais, no relacionamento com Deus, relacionamento que não é tecido de um que outro momento, ou de mo-

mentos intermediários, quais estribilhos na monotonia da vida, mas relacionamento que é continuidade, como lembra João Paulo II: "Jesus viveu a sua consagração precisamente como Filho de Deus: Ele foi dependente de seu Pai, amando-o acima de tudo e completamente entregue à sua vontade. Estes elementos de sua vida são partilhados por todos os cristãos. A alguns, entretanto, dá, para a salvação de todos, o dom de seguir a Cristo mais de perto" (3). Fica patente que Cristo viveu sua consagração como Filho, onde não se permitem momentos ou pedaços de filiação, ou filiação condicionada, ou alguns gestos e atitudes de filiação, mas é uma realidade subjacente que permeia todas as outras realidades.

Na Eucaristia, descobrimos, precisamente, este Cristo que continua nesta admirável disponibilidade de fazer a vontade do Pai e dela participar. Participar com o sentido de entrar dentro, não ficar à margem; tomar parte, não apenas observar; con-sofrer, não só admirar-se; comungar, não apenas desejar; traduzir em gestos concretos, não apenas absorver intelectualmente. Por isso, cada Eucaristia torna-se desafio aos participantes. Quanto mais penetrados da nossa condição de consagrados e da realidade do Cristo vivendo sua consagração como Filho, melhor entendemos as palavras acima citadas de Eckhart. Só assim a consagração vira compromisso, maneira de tornar patentes os bens celestes para nós e para os cristãos. Aqui, outro ponto de nosso apostolado, por vezes secundarizado em

prol dos outros, sobretudo os mais necessitados: esquecimento de que a vida consagrada vivida na intensidade, é anúncio e pregação dos bens celestes e futuros, e, por isso mesmo, a hora da oração é uma hora de intensa vida apostólica. A intensa luminosidade com que se revestem os bens concretos e terrenos que ocupam nossas energias obscurecem a gama dos bens celestes. Jamais, porém, um conferencista ou um livro nos poderão transmitir a revelação de nossa autenticidade, na força em que pode acontecer nos contactos com o Cristo, contactos dos quais fugimos, estranhamente, por razões pouco convincentes e justificadas...

Parece-me que na linha do amor de Cristo estaria a chave daquilo que procuramos através de muitos malabarismos intelectuais que empregamos como razões novas para justificar a nossa consagração ou estilos novos de vida, sabendo que a consistência das razões ou a sua ausência marcam nossos comportamentos. Não são os tempos nem as instituições que esvaziam a vida religiosa. Nós mesmos o fazemos. Não é preciso bombardear a instituição, basta falsificar os religiosos e desviá-los de sua correta visão do Cristo. João Paulo II, falando no Mosteiro das Servas de Jesus e Maria, no Canadá, proclamou: "As almas consagradas fizeram uma escolha carismática de Cristo como Esposo exclusivo. Uma tal escolha permite, já por si mesma, ocupar-se das coisas do Senhor, mas além disso, quando é feita por causa do Reino dos céus, torna este reino escatológico de Deus mais próximo da vida de todos os

homens. As pessoas consagradas realizam, no meio do mundo que passa, o anúncio da ressurreição futura e da vida eterna" (4).

As mesmas religiosas lembrava também algo muito importante, por vezes alienado dos horizontes da nossa contemplação e dos objetivos da nossa busca: "aos que querem fazer da vida alguma coisa de grande, testemunhai que caminhar para a santidade é a mais bela das aventuras, obra não apenas dos nossos esforços, mas obra da ternura infinita de Deus na imensa miséria humana". É o mesmo fio condutor que encontramos na sua fala aos religiosos da Calábria: "Hoje, viver a união com Deus com acentuado espírito de oração é uma passagem obrigatória da vida religiosa: a Igreja precisa de almas consagradas que vivam na interioridade da relação com Deus e afirmem, perante o mundo, o primado de Deus, para que o mundo compreenda que não são os bens materiais, o sucesso ou os prazeres que dão a serenidade ao homem, mas o grau de união com Cristo, verdadeira esperança do homem" (5). Poderíamos, sem grandes dificuldades, multiplicar as citações nesse terreno. Mas parando sobre estes poucos exemplos, retirariamos uma série de teses, por certo conhecidas nossas, mas necessitadas sempre de serem espanadas, pois nossa caminhada atravessa densas ondas de poeira, onde o caminho não mais se desenha muito claro à nossa frente e nosso olhar não mais divisa com muita nitidez os passos seguintes, como chamávamos atenção no início deste artigo. Aos pés do Mestre é que vai

acontecendo a purificação. Junto a ele. E a intimidade mais profunda que nos é dada é, precisamente, na Eucaristia, onde tendo encontrado o Mestre, a gente acaba por encontrar-se: e é urgente encontrar-se, não uma vez, ou esporadicamente, mas constantemente, para poder fixar a própria imagem e não incorrer na crítica de S. Tiago à pessoa que se olha no espelho e, mal volta as costas, não mais se recorda dos traços que o espelho lhe mostrou. Tenho que guardar esta minha identidade que só Cristo me revela. Ele que viveu sua identidade de Filho, revela-me e ensina-me como viver a minha identidade religiosa. Então, posso ser afastado dela por momentos de hesitação ou perturbação ou obnubilação dos objetivos, mas junto à Eucaristia serei capaz de re-compreender todo simbolismo que me envolve e re-aprendo a distinguir desilusões, alienações e realidades. Admiramos a explosão de apostolado visível de Madre Teresa de Calcutá, mas ignoramos o trabalho silencioso em sua interioridade...

“Numa celebração vital da Eucaristia, aprendemos a discernir, quase que espontaneamente, mediante que tipo de vida podemos ser luz para o mundo, de modo que as pessoas, vendo a nossa fé, esperança, amor e compromisso com tudo o que há de bom, louvem o Pai que está no céu. À luz da Eucaristia compreenderemos todos os sacramentos como sendo sinais privilegiados para celebrar a alegria da fé, esperança e amor cristãos. Nela aceitamos a nossa missão de deixar que os sacramentos sejam para nós sinais efetivos da

moralidade da aliança” (6)). Assim, o amor vai falando em nossa vida...

3. Quando os símbolos falam

Acabamos de citar o Pe. Haering, que nos dizia que devemos aprender que os sacramentos são sinais privilegiados para a celebração da vida. Ora, os símbolos eucarísticos prestam-se exatamente para esta catequese.

a. **Comer e beber:** a Eucaristia vem dominada pelo simbolismo do comer e do beber, que são, ao mesmo tempo, símbolo de nossa condição de caminheiros, necessitados do alimento e da bebida, e símbolo de nossa mortalidade que vai alimentando a sua imortalidade. Se somos de parecer que os símbolos eucarísticos são destituídos de sentido, com facilidade os empobrecemos com os gestos de atualização que lhes queremos imprimir. Afinal, o que haverá de mais dolorosamente eloquente e atual do que a comida e a bebida, transformadas, hoje, num grito angustioso e revoltado de milhões de bocas, por onde não passa nem comida nem bebida? Em que campo a injustiça açoita com mais violência, gerando mártires e dominados, peregrinos e refugiados à busca dos elementos fundamentais à vida amontoados em algumas poucas mesas e ausentes em milhões de outras? Foi a constatação desta realidade que ditou veementes observações na Conferência de Puebla. E foi esta mesma situação que ditou ao Papa, na sua viagem ao Canadá, o discurso com o significativo título “O Sul pobre

judgará o Norte rico", onde destacamos: "Quando Cristo fala do serviço prestado a um destes pequeninos está a falar de toda a dimensão global da injustiça e do mal. Está a falar daquilo que, hoje, costumamos chamar o contraste Norte-Sul. Portanto, não só Leste-Oeste, mas também Norte-Sul: o Norte cada vez mais rico e o Sul cada vez mais pobre. Sim, o Sul que se torna cada vez mais pobre; e o Norte que se torna cada vez mais rico... à luz das palavras de Cristo, este Sul pobre judgará o Norte rico. E as nações e os povos pobres judgarão aqueles povos que lhes roubaram estes bens, arrogando-se o monopólio imperialista da economia e da supremacia política à custa dos outros" (7). Claro que se o Papa fosse apertando o círculo teria que falar desta mesma realidade dolorosa vicejando dentro das fronteiras dos países... Queira Deus que nós como Igreja, como Diocese, como Instituto religioso, não estejamos atingidos por esta radiografia! Há certas formas de defender a Teologia tradicional que inquietam tanto quanto as formas de defesa de novas teologias... Lembremos que estas idéias o Papa as emitiu, durante a celebração de uma Eucaristia, mostrando a afinidade existente entre elas e a Eucaristia. É a força do poder do símbolo do comer e beber que está presente. Toda Eucaristia leva à re-velação da realidade envolvente, dentro da qual se realiza. Somos, pois, desafiados a prender, sempre de novo, a celebrar a Eucaristia, para que surja, em plena força, seu poder evocador...

b. Pão e vinho: dois elementos concretos, materiais, presentes na Eucaristia, por escolha do próprio Cristo, que evocam, de forma gritante, o trabalho humano, tanto assim que a liturgia, ao ofertório, lembra que são fruto da terra e do trabalho do homem. Esse trabalho que, em espírito, nos coloca em meio às multidões que lutam, no seu dia-a-dia, para conseguir o pão, no suor, no sofrimento, na lamentável situação de escravos não poucas vezes. Lembra o reverso da medalha também: a ausência do trabalho, o desemprego, que amarra à inanição milhares de homens que sofrem a dolorosa experiência de voltar para casa sem pão e sem dinheiro e, conseqüentemente, sem o amanhã para a família.

Pão e vinho trazem à mente nosso trabalho pelo Reino, trabalho que é serviço, entrega, doação, dedicação, presença ativa. Mas que também é oração, pois quem está rezando, também está edificando, está destilando valores no organismo espiritual da humanidade, que se cansa e desgasta, que luta e se estraçalha na busca dos bens materiais, que se encontra com o pecado e peca. Aos pés do Cristo, na Eucaristia, a gente aprende a escala de valores: Maria escolheu a melhor parte, parte esta que, por vezes, nossa faina de produzir nos faz pender exageradamente para o lado de Marta, tendo dificuldades de estabelecer o equilíbrio. Por isso, em cada missa, quando o sacerdote oferece o pão e o vinho, está oferecendo o nosso trabalho e, sobretudo, o sentido deste trabalho, o que fica reforçado na hora em que

a gota de água cai no vinho, na eloquente linguagem da fusão de nosso trabalho sofrido com o sofrimento salvador do Cristo.

Ao contemplar o pão, toda a simbologia da messe irrompe diante de nossos olhos, fazendo-nos imaginar campos dourados e vinhedos verdejantes pejados de cachos maduros e, pairando acima deles, a figura do Mestre, mostrando a messe que matura e lastimando tanta perda de grãos pela falta de ceifadores e colhedores. Esta lembrança faz nascer, dentro de nós, mais uma vez, a resposta que já lhe demos, um dia, ao apelo que nos dirigiu: uma resposta em forma de oração ao Senhor da messe, para que tenhamos continuadores, e uma resposta em forma de re-entrega para que, mais uma vez, nos envie ao trabalho cuja aspereza não nos amedronta uma vez que não só nos sentimos perto dele, mas o sentimos junto a nós. Rezando e suando é que se salva a messe. Este equilíbrio tão necessário da oração e do trabalho, mas também tão sujeito a ambigüidades, deve ser restaurado. Sabemos disso. Isso acontece, cada manhã, ou cada tarde, junto ao Cristo eucarístico que nos liberta de pseudo-técnicas ou de derivativos estranhos que invadem nosso sistema, debilitando-o ou mesmo anulando-o. Nós só chegaremos ao coração do homem, também do homem sofrido que queremos salvar, durante a nossa jornada de labor, se antes partirmos de perto do coração do Cristo. Só entenderemos as pulsações do coração problemático do homem, se antes encostamos os nossos ouvidos ao coração amoroso de Deus feito

Homem. Só teremos coragem e energia de permanecer longas horas junto ao sofrimento e à injustiça do homem machucado, se antes nos quedamos, longos minutos, junto ao Mestre na Eucaristia. Só descobriremos a face dele nas faces mutiladas dos irmãos, se pela contemplação gravamos profundamente em nós os traços do original. E, sobretudo, vamos acreditar nisso tudo, sem classificá-lo de "poesia" ou "alienação", se antes nós nos deixamos convencer, e não nos contentamos apenas com "ouvir dizer"...

Vem-nos à mente também, ante o pão e o vinho, a renovação da terra: judiada, maltratada pelo homem, ela se renova constantemente. Cobre-se de neve, para depois abrir-se em profusão de verde. Deixa-se queimar para depois renascer como a ave da mitologia, que a Igreja primitiva usava para significar a ressurreição. A terra é a bela imagem do que acontece ao homem que sucumbe ao pecado, que se entrega às desordens, que queima a esperança, mas que, à visita da graça, reverdece e reencontra suas coordenadas. Ali está significada nossa tarefa fundamental: ajudar este homem, apesar dos contratempos do século, a repor-se nos caminhos de Deus, obstruídos pelos tanques de guerra e pelos exércitos de salteadores e saqueadores, ora formados de hostes maltrapilhas, ora de homens de fraque... Como a natureza que se refaz, Deus manda que tenhamos esperanças em nosso trabalho: pois de um campo devastado pode brotar a flor. O homem é recuperável. Vale a pena recomeçar, mesmo quando as decepções e os vendavais da histó-

ria consomem todo o armazenamento de zelo que vínhamos recolhendo ao longo do caminho. O “novo” céu e a “nova” terra não estão apenas lá no final dos tempos, mas estão no nosso hoje, pois, em nossas mãos está a tremenda capacidade de tornar novas as coisas. Mais precisamente: nas mãos Dele. Por isso, sobre o nosso hoje paira a promessa esperançosa: “eis que faço novas todas as coisas”. Quanto mais junto a Ele eu me re-novar, tanto mais renovador me torno. É no espaço interno individual que têm início as grandes reformas, como o mostram Francisco de Assis, Inácio de Loyola e tantos homens e mulheres que deram início à famílias religiosas...

A terra dando o fruto nos lembra a confiança despreocupada de Cristo: uma vez lançada a semente à terra, de nada adianta andar angustiado e ficar vigilante junto ao canteiro, pois a semente tem a sua força e a terra a sua, e do contacto de ambas irromperão flores e frutos, independentemente de minhas aflições. Se lancei a semente, dentro das normas do Pai, obterei o resultado sem as desgastantes preocupações que, não raro, vêm perturbar os céus de minha interioridade. Vale a lembrança de Isaías, como reforço às palavras de Cristo: “Ele te dará a chuva para a semente com que semeias a terra. O grão, produto da terra, será exuberante e forte” (30,23). O trabalho meu conta, mas conta mais a Providência divina, tão difícil de merecer toda aquela terna confiança filial, pregada pelo Cristo, sempre evocada através de imagens do campo. A iniciativa humana deve despo-

sar a iniciativa criadora de Deus e contar com ela. Só assim a messe florirá.

c. **A comunidade:** A **Didaqué**, que lembra a oração viva da Igreja nascente, ao falar da Eucaristia, reza: “Da mesma maneira como este pão quebrado primeiro fora semeado sobre as colinas e depois recolhido para tornar-se um, assim das extremidades da terra seja unida a ti a tua igreja (=assembléia) em teu reino; pois tua é a glória e o poder pelos séculos” (8). Está patente a idéia do primitivo cristianismo: como o pão que é feito da reunião de muitos grão, moídos e misturados, formando um todo único, assim no Cristo, o pão descido do céu, é um só corpo, no qual mergulha a nossa pluralidade. Esta forma de falar encontramos-a, com frequência, nos Santos Padres. Aliás, as anáforas, mesmo as da liturgia renovada, voltam, sob modalidades várias de linguagem, à mesma idéia: não se pode fazer Eucaristia individualmente, mas só como comunidade. Cristo é o elo coordenador e não transmissão apenas para cada indivíduo presente ao sacrifício...

A Eucaristia é oferecida, constantemente, como experiência de fé cristã maturada, que leva ao despertar e ao aperfeiçoamento das demais experiências históricas que o homem vai fazendo. Mas para que tal experiência de fé possa exercer a sua mediação, são “imprescindíveis teias densas e resistentes de relações sociais, em que os participantes possam ainda perceber-se mutuamente como ‘homens totais’ e não sejam

reduzidos já a segmentos de papéis”, como acertadamente observa N. Mette (9). E diz mais adiante, ainda Mette: “A aprendizagem da fé é solidária. Realiza-se enquanto fé e vida estão sendo partilhadas, e as experiências vividas são compartilhadas, bem como interpretadas em comum, no horizonte da mensagem bíblica”. É na hora da Eucaristia que levo para junto do altar minha pessoa toda, pois trata-se de um gesto livre e espontâneo e não coagido e arrancado por coações externas. Mas para que ele seja verdadeiramente livre deve nascer de dentro de mim, e tal só acontece, quando eu tiver tantos conteúdos para estar em condições de gerar um gesto livre. Como diz o Vat. II, “não se edifica nenhuma comunidade cristã, se ela não tiver por raiz e centro a celebração da Santíssima Eucaristia; por ela há de iniciar-se, por isso, toda educação do espírito comunitário” (10).

Na Eucaristia, encontro-me com o Cristo presente, mas também com a comunidade cristã, entendendo “cristã” na sua afinidade com Cristo, Causa e Autor deste meu encontro. Aderir à Eucaristia é dar adesão à comunidade. Mais vale isso para quem faz do encontro comunitário, não um momento, uma ocasião, uma oportunidade, um acaso, uma obrigação, mas faz **profissão de comunidade**, como é o caso do religioso. Encontro-me, pois, com uma comunidade de pessoas concretas, vale dizer, com pessoas que me dizem algo, que significam alguma coisa de profundo, que são bem mais que uma simples justa posição de pessoas ou indivíduos ou, até pior, de soli-

dões — que o acaso reuniu num espaço sagrado, como acontece num avião, nos ares ou numa barca que atravessa a Baía de Guanabara. O que torna concreto este encontro é o fato de estarmos todos tentando “viver de maneira convincente o ser-cristão no dia-a-dia”. Por isso, cantar ou rezar em uníssono é professar a vontade de caminhar com passo acertado, com alma afinada, com pensamento em comum, refazendo, sempre de novo, as arranhaduras das nossas diferenças e das nossas individualidades. Se todos os expedientes que a convivência nos ensinou, não conseguem acabar com as naturais divergências geradoras de entechos comunitários, devemos, aos pés do Mestre, procurar aquela **ternura** que talvez esteja faltando em nosso reservatório. A ternura explicita-se por nosso cuidado, que “é sempre preocupação por alguma coisa. A pessoa fica envolvida na experiência da coisa ou acontecimento objetivo com o qual se preocupa. E precisa, envolvendo-se no fato objetivo, fazer algo com respeito à situação, tomar uma decisão. É neste ponto que cuidado reúne amor e vontade” (11). Portanto, ternura leva à preocupação e esta à ação: se amo faço algo. Daí o encontro do amor e da vontade. Esta idéia é melhor explicitada ainda por Rollo May: “A velha questão é: alguma coisa é **importante** para mim? Se não, sou capaz de encontrar alguma coisa ou alguém que o seja?... Cuidado é importante, porque é o que nos falta hoje em dia”. Por isso, o Autor chama o cuidado também de “compaixão”, isto é sentir com alguém, ou sofrer com alguém, o que

dá o equivalente grego de “simpatia”. Quando uma coisa não tem importância, nasce a sensação de que nada resta a fazer, daí a sensação de apatia, indiferença, desinteresse, busca de estímulos externos. Conclui o citado Autor: “O cuidado é o necessário antídoto de tudo isso”.

S. Francisco de Assis traduz o conteúdo da expressão “cuidado” por “mãe”: os irmãos devem ser mãe uns dos outros. Não encontrou ele palavra mais adequada, mais rica e mais comprometedora para quem faz parte de uma comunidade do que o substantivo “mãe” e o adjetivo “materno”. Aliás, está na linha da expressão de Cristo, para nós talvez, hoje, pouco poética, mas grandemente eloquente: a galinha que tenta acolher os pintinhos debaixo das asas. Todas estas palavras e imagens vêm carregadas de ternura, na tentativa de nos fazer ver na comunidade, dentro da qual não estamos por acaso, não como um aglomerado de indivíduos, mas como um **lar**, com todas as conotações de ternura que este vocábulo carrega em si, com toda a capacidade que ele tem de alimentar a ternura e preparar as pessoas para os relacionamentos múltiplos que a vida reclama.

A Eucaristia é o convite para buscar a ternura, aprofundá-la e escová-la de suas deformações e cansaços. Onde melhor do que junto Àquele que deu a vida pelo outro, que amou os pequeninos e percebeu as coisas belas, onde ficam iluminados os nossos relacionamentos por vezes tão carregados de carnali-

dade? Aceitar o Cristo na Eucaristia é aceitá-lo no concreto do cotidiano, na convivência com o outro, na partilha exigitiva, no perdão constante, na aceitação gozosa, na tentativa de refazer os relacionamentos de dentro para fora, sem exigir compensações, de maneira a armazenar conteúdos suficientes para fazer frente às surpresas e mutações que fazem parte do viver diário de uma pessoa, dentro daquela alternância do bom e mau humor, de aceitação e rejeição, de colaboração e fechamento, de generosidade e individualismo, de compromisso e relaxamento, de felicidade e mágoa... Escreve João Paulo II aos religiosos: “a natureza fundamentalmente comunitária da vossa vida religiosa, alimentada pela doutrina do Evangelho, pela Sagrada Liturgia e, sobretudo, pela Eucaristia, constitui um modo privilegiado para realizar esta dimensão interpessoal e social” (12).

d. **Comensalidade:** “comensal” designa aquele que come ordinariamente à mesma mesa, o convidado a um banquete, pois na raiz está a palavra “mesa”. “Comensalidade” quer expressar todos os laços que se estabelecem entre pessoas que estão à mesma mesa, não apenas na área da visibilidade, mas, especialmente, na da invisibilidade, ou na interioridade dos participantes, como resposta a uma necessidade mais profunda que o comer e beber. Como à mesa da família “a comunidade de vida dos pais com os filhos adquire, de forma especial, expressão interna na **mesa comum**. Na mesa comum da casa tudo é distribuído a cada um segundo suas necessidades, de ma-

neira desinteressada. A criancinha, que ainda não “trabalha” nem “ganha”, recebe tudo de que necessita para seu crescimento sadio. Desta maneira, desperta-se na alma infantil a compreensão da realidade de servos amados por Deus sem o merecermos. Quem nunca vivenciou o amor desinteressado do pai e da mãe, para ele será difícil crer no amor eterno de Deus ao contacto com a dureza da vida. Sobre a mesa da família paira como que o espírito da comunidade primitiva de Jerusalém... O sentido profundo e santo, que inere à refeição comum já pela própria natureza, brilha com nova luz na ordem da salvação. Celebramos a Eucaristia como a “refeição do Senhor”, que é o símbolo do amor mútuo e, ao mesmo tempo, pressignificação e garantia da beatitude celeste, já que “nos sentaremos à mesa do Reino de Deus” (13). Deste belo trecho, com uma série de conclusões à vista, desejaríamos apenas destacar: quando à mesa, compreendemos que somos servos amados de Deus, realidade constatável, de forma gritante, em todos os nossos momentos de vida. Um Deus que começa o processo do amor, que faz brilhar seu sol sobre bons e maus, que envia sua chuva independentemente dos méritos e depósitos das pessoas. É a **gratuidade**. Não regida por leis econômicas do dar-em-troca, mas pela economia divina, onde tudo recebemos de um Deus que dá, fazendo com que a gratidão seja a atitude mais filial a povoar as almas. Entende-se que “eu-caristia” na sua etimologia queira significar “ação-de-graças”, aplicável não somente a determinados eventos, mas por toda

a manifestação de vida que mora em nós. E sem esquecer a conclusão lógica do Cristo: de graça recebestes, de graça dai...

Gostaria de deixar ainda alguns pensamentos sugeridos por G. Martelet (14): para o homem, comer não é simplesmente juntar-se a um grupo de pessoas. É algo mais, o que faz o pão e o vinho carregarem um significado mais amplo do que simples satisfação de uma necessidade natural. Existe um valor além do material, do visível, do palpável e degustável. Deus não se fez metal, nem nailon. Deus fez-se carne e sangue, ou seja alimento e bebida, palavra e amor, presença e dom de si, fonte de comunhão e de vida. Assim, Deus na sua Encarnação e Eucaristia torna-se estritamente inseparável do Amor e do pão. O pão e o vinho não existem desligados de uma comunidade, pela qual são produzidos, usados e transformados em refeição, numa admirável troca de serviços mútuos e concatenação de atividades. A Eucaristia é sacrifício, certo. Mas ela é também “refeição do Senhor”, na reprodução da Ceia, enquanto evoca a ressurreição, na antecipação do festim celeste, também em forma de Ceia, na imaginativa do Cristo.

Por isso, a Eucaristia implica **convite**, como acontece nos relacionamentos humanos, provoca o **encontro** ou a partilha, e desencadeia a **comensalidade**, a união. Na natureza do homem, não reside apenas a necessidade de comer e beber, como afirmamos acima, mas palpita nele, sobretudo, a necessidade de **associar-se** aos outros. Hoje em dia, conhe-

ceamos melhor e damos preferência às trocas de prestígio que às da simplicidade cotidiana, às presenças ostentosas que aos serviços humildes, à circulação das formas econômicas que aos legumes, como se a idéia “agrícola” desprestigiasse a função. Ora, lembra Wálter Dirks, “ao comeremos, participamos de todos os fatos ligados à produção e à distribuição que encham o mundo”. Por isso, a Eucaristia, erguendo um altar no centro da assembléia e distribuindo comida aos participantes, não deixa de ser um vigoroso grito de alerta aos problemas mundiais relativos à alimentação que pervadem nosso mundo. Os que participam desta Eucaristia abraçam os problemas, não apenas na linha especulativa mas de uma forma vivencial. E de uma forma totalizante: todo o problema da fome pode acender nosso ardor social e agilizar nossa pena em flamante verbo, sem, no entanto, alterar nossos comportamentos de mesa, sem modificar a nossa mesa. Parece que Paulo estava detectando algo nesta linha, em Corinto, quando alertou a comunidade que andava falando de pobres, mas na hora da refeição as pessoas se refestelavam à mesa sem distinguir as refeições. Eram inconseqüentes, quando a Eucaristia convida à conseqüência, à lógica da fé. A mesa do Senhor que partilha pão e vinho, na igualdade, não pode conviver com mesas lautas que são um insulto à pobreza e pregam, na prática, uma acepção. O equilíbrio cristão começa em casa e é aprendido junto à Eucaristia. Paulo VI, em 1965, na ONU lembrava a dramática diferença observada na mesa da humanidade, quan-

do a igualdade era prejudicada porque os orçamentos consumiam mais em armas que em pão. Recordava ao mundo que a mesa eucarística julgaria as mesas da humanidade, das famílias, das comunidades religiosas e da Igreja...

Os apelos que o presente momento histórico nos dirige, não apenas pelas gritantes injustiças que o esmagam, mas também pela voz profética de homens e grupos que denunciam a situação e anunciam a solução de Cristo, tomam corpo concreto junto ao Corpo e Sangue de Cristo. O sangue de Cristo evoca o sangue de nossos irmãos, derramado, lentamente, em milhares de pontos do globo, e desperta em nós a “fome e a sede da justiça” que fazem parte do equilíbrio que Cristo desejou e pregou, e que nós religiosos assumimos como forma de vida e cuja repercussão revestirá o julgamento final da história...

e. **Escatologia**: o dizer de Cristo, em sua linguagem desafiadora aos judeus, é claro: “quem come a minha carne e bebe meu sangue terá a vida eterna”. Participar da Eucaristia é transpor os limites do tempo. É descobrir a glória de Deus oculta aos homens, à espera da hora da transfiguração. Por isso diz Martelet: a Eucaristia é um **viático de esperança**, a força misteriosa que o caminheiro introduz em sua estrutura terrena, para ter forças e clareza de percorrer a caminhada histórica “até que Ele venha”. Por isso, toda espera cristã é fecunda. Alimenta a maturação e conduz à plenificação. A Igreja, pela Eucaristia, cresce na

fé e abre-se ao mundo, nesta mesma fé. Colhe a esperança e a derrama sobre o mundo turbulento e destemperado. É a explosão da alegria, como tentou pintá-la Chardin, na "Messe sur le monde": no horizonte da história, como um sol, nasce a Escatologia que se torna, para cada participante, uma profecia. Por isso, na Eucaristia rezamos pelos vivos e pelos mortos, numa íntima união com os que já chegaram à casa do Pai, na mais bela afirmação de que este pão nos seus muitos grãos é uma unidade, assim a Igreja, visibilização de Cristo, é um todo, na conjunção de todos os tempos, de todos os povos, de todos os homens, de todos os anseios, de todas as esperas e de todas as respostas. Por isso, ela não é só consagração. É também comunhão. Comunhão não apenas com Cristo, nem apenas com os presentes ao ato eucarístico ou com os homens do presente momento histórico, mas com todos quantos já palmilharam esta estrada pedregosa, de portas estreitas e veredas ásperas, e de quantos os sucederam, uma vez que Cristo é a síntese de todos os homens. Em cada Eucaristia, refaz-se o Corpo de Cristo: "as espécies sacramentais são formadas pela totalidade do mundo, e a consagração dura o tempo todo da duração da própria criação", dirá Chardin. É a "onipresença da cristificação", ainda na linguagem de Chardin.

A presença de Cristo invadiu o universo. E, dia após dia, repete e aprofunda esta invasão. Ser cristão e, ser religioso sobretudo, é trabalhar por esta invasão, prefiguração da Parusia, quando todo o criado

será tudo em Cristo, no novo céu e na nova terra. Era assim que pensava S. Irineu, quando, nos inícios do cristianismo, refutava os herejes que ridicularizavam a carne como criação de um princípio mau: "Como podem eles dizer que a carne vá simplesmente à corrupção e não tem parte na vida, quando ela se alimenta do corpo e do sangue do Senhor? Que mudem, então, seu modo de pensar e deixem de oferecer o pão e o vinho eucarísticos. No nosso caso, nosso modo de pensar harmoniza-se com a Eucaristia e, em contrapartida, a Eucaristia harmoniza-se com nosso modo de pensar. Pois nós oferecemos o que é dele, proclamando, de maneira harmoniosa, a comunhão e a união da carne e do Espírito: pois, da mesma forma que o pão que vem da terra, depois de ter recebido a transformação de Deus, não mais é pão ordinário, mas eucaristia, consituída de duas coisas, uma terrestre e outra celeste, assim nossos corpos que participam da Eucaristia não mais são corruptíveis, pois trazem consigo a esperança da ressurreição". Portanto, Eucaristia é o banquete onde se come a vida eterna, realizando em nós o que a Encarnação realizou no Cristo.

Nesta linha, estão as considerações do Pe. Haering: "Todos podem olhar para o futuro, mas somente aquele cuja confiança se acha apoiada nas promessas divinas e no memorial da fidelidade comprovada de Deus possui condições para caminhar em direção ao futuro com uma liberdade capaz de discernir a vontade de Deus, no presente, à luz de sua fidelidade eterna" (15). E, para fe-

char estas considerações, as palavras do Papa, em sua carta em preparação ao Congresso Eucarístico Internacional, a realizar-se em Nairobi, no próximo ano: a presença eucarística “é uma presença que vem de longe e se projeta longe: do seio do Eterno Pai à meta final, da Encarnação àquela consumação escatológica para a qual a história caminha” (16). Na Eucaristia, por conseguinte, a nós peregrinos “é dado pregar — na espera que a fé ilumina e a esperança alimenta —, algo da alegria que será própria do banquete escatológico. A este banquete Cristo mesmo faz alusão na última Ceia” (17). Todas estas verdades aqui alinhadas, tomarão corpo e expressão vital em nossas vidas, quando pensadas e redescobertas à sombra da Eucaristia, onde já não mais nos contentamos com estar presentes ao sacrifício, ou fazer um sacrifício, mas nós mesmos seremos um sacrifício. Espero que tenhamos “a surpresa de descobrir que Deus veio à nossa procura muito antes que nós começássemos a procurá-lo, e que ele nos procura infinitamente mais do que somos capazes de fazê-lo”, no fala de Paulo VI.

4. Conclusão : O Mestre te espera

Poderíamos ir longe, à base dos símbolos de que a Eucaristia é tão rica e, passo a passo, fazer de sua celebração a celebração da nossa vida: da vida que passou com suas falhas e borrões e com as infindas ra-

zões de ação-de-graças; a vida que vivemos presentemente, com suas realidade colantes e opressivas, mas com os vãos da liberdade interior que recuperamos ao contacto do Deus vivo; a vida que nos aguarda, seja aquela que está ali fora, logo depois da porta que nos encerra no recinto da celebração, até aquela que nos aguarda, como “herança” na presença do Pai que esperamos possuir, mas que deve ser testada na diuturnidade da história. E cada palavra sacramental estaria fazendo eco à voz de Cristo, na forma de encorajamento, a nos colocar, sempre de novo, no caminho escolhido, na liberdade, mas no qual a liberdade custa tanto para ser conquistada e mais ainda para ser vivida. Porque é tão difícil viver a liberdade... Junto ao Deus, feito pão, compreenderemos todas as liberdades e todas as escravidões. Só assim poderemos partir para a grande proclamação do dia do Senhor que deseja romper todas as correntes e abrir todas as prisões. Que nos quer fazer mensageiros da liberdade, quando ela tiver atendado dentro de nós, clara e completa.

Uma imagem final: Maria de Betânia, aturdida pela dor de ter perdido o irmão, ressurgue à auspiciosa nova: **o Mestre te espera.** Que no meio das nossas dores, sacudidos pelas dúvidas, encolhidos em nossas limitações, abafados pelos barulhos, uma voz amiga nos visite e se impunha: o Mestre te espera...

BIBLIOGRAFIA

(1) **O Dom da Redenção**, n.º 16. (2) id. ib. n.º 3. (3) Sobre a Vida Religiosa, n.º 7. (4) L'Osservatore Romano, 7.10.84 (5) L'Osservatore Romano, 14.10.84. (6) Haering, **Livres e Fiéis em Cristo**, Ed. Paulinas vol. 1, pág. 441. (7) L'Osservatore Romano, 7.10.84. (8) **Didaqué**, Ed. Vozes, 1970, IX, 4. (9) **Concilium**, n.º 194, pág. 94. (10) **Presby-**

terorum Ordinis, n.º 6. (11) Rollo May, **Eros e Repressão**, Ed. Vozes 1973, pág. 323. (12) **O Dom da Redenção**, n.º 15. (13) Joseph Hoefner, **Cristianismo e Sociedade**, Ed. Vozes 1970, pág. 104 s. (14) **Réssurrection, Eucharistie et Genèse de l'Homme**, Desclée, Paris 1971, pág. 30 ss. (15) **Livres e Fiéis em Cristo**, Ed. Paulinas, vol. II, pág. 374. (16) L'Osserv. Romano, 26.08.84. (17) L'Osserv. Romano, 26.08.84.

A ESPIRITUALIDADE CARMELITANA

Frei Patrício Sciadini O.C.D.
São Paulo — SP

“Alegrem-se o deserto e a terra seca, rejubile-se a estepe e floresça; como o asfódelo, cubra-se de flores, sim rejubile-se, com grande júbilo e exulte. A glória do Líbano lhe será dada, bem como a beleza do Carmelo...” (Is. 35,1-2).

O monte Carmelo, cujo nome significa “vinha” ou “pomar”, é o símbolo das ascensões espirituais que terminam no cimo da montanha, lugar do repouso em Deus e das alegrias completas da íntima união com o Senhor.

Na Bíblia Sagrada, o monte Carmelo exerce uma presença, essencial: evoca a Virgem, o encontro de Elias com o Senhor, a defesa do Deus vivo.

Para o contemplativo, o Carmelo assume um significado particular, partindo da experiência de Elias que refugia-se na montanha do Carmelo, para assumir o seu verdadeiro papel libertador na história do povo de Israel.

A montanha do Carmelo, particularmente no tempo das cruzadas, torna-se cenário de novo estilo de vida eremítico-cenobítico que dará vida à família carmelitana.

Os carmelitas tiveram os seus primeiros séculos de vida, bastante con-

turbados por causa dos acontecimentos políticos; obrigados a fugirem do oriente, refugiam-se no ocidente, onde encontram sérias dificuldades para se inserir nos novos esquemas das nascentes ordens mendicantes.

No presente artigo não é nossa intenção aprofundar os aspectos históricos da Ordem Carmelitana e nem apresentar na sua complexidade, as vicissitudes históricas em que os carmelitas se encontraram. Queremos simplesmente frisar alguns pontos fundamentais da espiritualidade carmelitana, para que possam servir de estímulo e de caminho para quem busca sinceramente uma experiência profunda do Senhor.

O que é a espiritualidade carmelitana?

Falar de escolas de espiritualidade pode parecer bastante estranho. De fato há uma única espiritualidade: a evangélica. O Evangelho é fonte de onde emanam todas as formas de viver e encarnar a palavra do Senhor. Quem quiser viver o mistério do Deus vivo deve percorrer o caminho apresentado pelo mesmo Jesus: “Ninguém conhece o Filho senão o Pai, e ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar” (Mt 11,27).

A mensagem evangélica, alicerce de toda conversão e santidade, deve ser assumida na quotidianidade, segundo a própria sensibilidade interior.

A vivência do Evangelho não nivela a personalidade, mas, deixa ao indivíduo um amplo espaço para entrar em sintonia com Deus, assumir atitude de transparência no amor, proclamar a Boa-Nova em um determinado "estilo de vida". O Senhor permite que haja amplo pluralismo na unidade e na fecundidade da sua palavra, no seu plano de amor traçado sobre cada um de nós.

Esta liberdade dos filhos de Deus gerou, ao longo dos séculos e continua gerando formas particulares de vivenciar o Evangelho.

Na história, alguns movimentos espirituais conseguiram afirmar-se mais que os outros, suscitando assim um verdadeiro discipulado; ultrapassando os limiares dos conventos e das abadias influenciaram todo um pensamento ou mudaram uma maneira de viver.

Nesta perspectiva devemos compreender o surgir tímido dos vários movimentos que lentamente conseguiram tomar proporções sempre maiores.

Devemos considerar as várias escolas de espiritualidade como verdadeiros movimentos carismáticos. A entrada em cheio do Espírito Santo no coração angustiado da humanidade, é o momento favorável do Espírito de Deus que fecunda a história.

Os movimentos espirituais continuam a surgir dentro da mesma Igreja de hoje. Uns surgem e outros morrem. O que não pode acontecer é o fechar-se à ação do Espírito Santo.

A história da espiritualidade considera particularmente interessantes alguns movimentos espirituais que chama de escolas: beneditinos, franciscanos, dominicanos, inacianos, carmelitas. Nos nossos dias vemos o afirmar-se de movimentos "leigos": cursilho, equipes de Nossa Senhora, movimento familiar cristão, focolarinos... que sem dúvida, no meu modesto entender, poderiam se chamar de verdadeiras escolas de espiritualidade.

A Ordem carmelitana pelas suas origens eremítico-cenobíticas e pelo seu nascimento nas encostas do Monte Carmelo, deu um cunho particular a sua maneira de ser e vivenciar o Evangelho. Na fidelidade à sua tradição, encontramos na Ordem do Carmelo três pilares que sustentam toda a espiritualidade carmelitana: a presença da Virgem Maria; o profetismo de Elias; a primazia da contemplação.

A presença da Virgem Maria

O nome completo da Ordem manifesta, de per si, as características de uma espiritualidade: **"Os irmãos da Bem-aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo"**, embora na Regra primitiva dos primeiros monges, redigida por S. Alberto, patriarca de Jerusalém (1209-1212), não se faça nenhuma referência à Virgem Maria.

Logo em seguida encontramos, na tradição da Ordem, a devoção particular à Virgem Maria do Monte Carmelo, a introdução da "Salve Regina" e de outras práticas marianas.

Maria, no Carmelo, ocupa um lugar privilegiado. Ela é a padroeira que toma as defesas da Ordem em determinadas circunstâncias históricas, redimensionadas pela crítica moderna, mas que continuam a ter seu valor espiritual. A possível entrega do escapulário a S. Simão Stok, que tanto ajudou na difusão da devoção mariana, é ainda hoje tão presente no nosso povo.

Maria, "a esplêndida estrela do Monte Carmelo," é modelo da vida contemplativa, da docilidade à palavra do Senhor, ensina como se acolhe a palavra e como se vivencia no dia-a-dia. Por isso Maria apresenta-se, no Carmelo, como mãe, rainha, irmã.

Entre Maria e os carmelitas instaura-se um relacionamento filial. Ela será a mestra que ensina aos "irmãos de seu Filho" os estreitos caminhos que levam à plena experiência do Senhor.

Maria, "rainha e esplendor do Carmelo", como é invocada há séculos, é uma presença viva na vida das duas famílias carmelitanas: os calçados e os descalços, e nas múltiplas famílias que inspiram-se de sua espiritualidade.

O Carmelo não considera aspectos particulares da vida de Maria. Toma-a na sua totalidade e quer apre-

sentá-la particularmente como Aque-la mulher escolhida por Deus que, na escuta silenciosa da Palavra, encarna-a e dela dá testemunho. Maria é a estrela luminosa que indica o caminho a quem quer encontrar-se com o Senhor. É presença discreta e silenciosa que convida a fazer tudo o que Jesus nos disser.

O profetismo de Elias

Houve um tempo na história em que os carmelitas consideravam Elias como fundador da Ordem. Quem visitar a Basílica Vaticana e olhar as estátuas dos santos fundadores, encontrará o Profeta Elias como Pai dos carmelitas. Hoje em dia ninguém mais considera-o como fundador dos carmelitas e nem os filhos dos profetas como antecessores diretos. A Regra do Carmelo faz uma pálida referência a Elias, quando fala dos monges que se reuniam perto da "fonte de Elias". A água sempre foi ponto de encontro e de vida para os monges. Era necessário estabelecer um ponto de referência: a fonte de Elias.

Os carmelitas foram além desta simples referência de localização. Viram no "fogado profeta Elias" o inspirador de toda uma espiritualidade.

Os capítulos 17-19 do primeiro livro dos Reis tornaram-se textos fundamentais da doutrina carmelitana. O Escudo da Ordem está atravessado por uma espada de fogo com a escrita: "Zelo zelatus sum pro Domino Exercituum", o que quer dizer: "estou apaixonado pelo Deus dos Exércitos." Uma paixão contem-

plativa que queimou por dentro o profeta de Tesbe, e que chega até nós em toda sua exigência de radicalismo.

O profeta Elias é apresentado como símbolo da contemplação, da busca às vezes angustiante de Deus, através da longa caminhada no deserto.

Ao longo da vida movimentada e às vezes agitada do profeta Elias, podemos perceber a pedagogia de Deus com aqueles que Ele escolhe como seus enviados.

A doce "violência" do eterno agita o coração do profeta, e o torna às vezes até violento. Elias está todo mergulhado na defesa dos direitos de Deus, colocando-se claramente ao lado dos pobres e dos perseguidos, e ao mesmo tempo o vemos todo solitário no deserto ou na montanha do Oreb, numa atitude de silenciosa adoração ao Deus dos exércitos.

O Carmelo, olhando o profeta Elias, sente-o como modelo de sua vida, quer no apelo apostólico, quer na busca do rosto luminoso de Deus.

Para assumir a atitude de profeta é necessário deixar-se seduzir pelo Senhor que invade todo o ser humano, deixar-se conduzir por Ele pelos caminhos nem sempre evidentes da história de Deus.

No profeta Elias percebemos alguém que, embora sinta repulsa diante dos apelos de Deus, entrega-se por completo à ação transformadora do amor.

A espiritualidade do Carmelo alimenta-se na nascente bíblica do profetismo de Elias, assumindo, à semelhança do profeta, a defesa dos direitos de Deus e os do homem.

A primazia da contemplação

A contemplação é o ideal de toda pessoa que busca sinceramente o Senhor. Nos tempos passados temos cometido sem dúvida um erro de realidade contemplativa, considerando-a como um privilégio raro concedido a grupos restritos de pessoas.

A contemplação era fruto de uma fuga do mundo, de um retiro forçado no deserto, de uma mortificação às vezes desumana.

O Concílio Vaticano II lembrou-nos que todo cristão é chamado à santidade e não pode existir santidade sem uma verdadeira contemplação dos mistérios do Senhor. O Papa Paulo VI teve uma idéia feliz da contemplação, e deu-nos uma descrição que parece corresponder ao seu conteúdo mais íntimo: "O esforço por fixar em Deus o olhar e o coração que nós chamamos contemplação, converte-se na ação mais sublime e mais plena do espírito, ação que hoje ainda pode e deve coroar a imensa pirâmide da atividade humana".

A contemplação, vista como ato unificante e harmonizante de todo o ser humano, é o ideal de todos os homens de boa vontade, e ultrapassa todas as divergências teológicas ou crenças religiosas.

Os contemplativos reencontram-se em Deus onde o coração sente-se plenamente realizado. A contemplação não acontece só no cristianismo, mas em qualquer religião.

O Carmelo, desde o início de sua história, apresentou aos seus seguidores o modelo da contemplação como ideal plenificante. Embora a regra do Carmelo não use a palavra contemplação, esta constitui o pano de fundo da estrutura da vida dos primeiros eremitas escondidos nas encostas do Monte Carmelo.

Vale a pena citar alguns trechos da Regra carmelitana para poder captar com maior clareza o ideal proposto:

“Viver em obséquio de Jesus Cristo, servindo-o fielmente com puro coração e reta consciência”.

“Permaneça cada um na sua cela ou junto dela, meditando dia e noite na lei do Senhor e velando em oração.”

“Procure com diligência e cautela guardar o silêncio, no qual está todo culto da justiça.”

O meditar continuamente a lei do Senhor, cultivando a leitura divina, fortalecendo o espírito, com pensamentos santos a fim de que a Palavra de Deus esteja sempre abundantemente em nossos lábios e em nossos corações, e tudo seja feito pela palavra do Senhor, constitui o cerne da contemplação carmelitana.

O carmelita retira-se do mundo, recolhe-se no silêncio para poder

permanecer mais intimamente unido ao Senhor e depois comunicá-lo aos irmãos de caminhada.

A contemplação é a primazia do amor. Só um forte amor pelo Deus vivo pode levar alguém a entreter-se com ele dia e noite, numa atitude de adoração.

A espiritualidade carmelitana apresenta a contemplação como caminho para uma verdadeira experiência de Deus. Não temos no Carmelo uma teorização da contemplação, mas sim uma descrição através da vida dos carmelitas, do sentido mais profundo da contemplação. Isto parece-me muito importante porque a contemplação não é estudo, ou aprofundamento teológico-intelectual, mas experiência viva de um Deus que não pode ser reduzido a categorias. Os escritos carmelitanos são o relato simples surgido de um transbordamento interior, de uma vivência constante e amorosa de Deus sumamente procurado e amado.

Para compreender a primazia da contemplação no Carmelo, mais do que um estudo histórico é necessário aproximar-se com reverência dos místicos carmelitanos, pedindo-lhes que nos sirvam de guia nas subidas vertiginosas do encontro atordoante com o Deus-Amor.

Os místicos carmelitanos

Nos santos do Carmelo encontra-se uma primazia da vida contemplativa sobre a ação, mas não se encontra um desprezo da atividade. Não

existem antíteses que podem gerar conflitos.

Nesta breve análise dos místicos carmelitanos reconheço desde já a minha visão limitada aos grandes modelos do Carmelo teresiano, deixando de lado os místicos da grande árvore da Ordem dos carmelitas calçados.

As linhas mestras que encontramos na espiritualidade carmelitana-teresiana, como experiência viva de Deus, são constantes presentes, não só num ou noutros santo, mas em todos: Uma conversão constante; a presença de Deus no coração do homem; deixar-se amar por Deus.

Uma conversão constante

A conversão não é algo que acontece uma vez para sempre, mas é “o acontecer” quotidiano, na confrontação da vida com a Palavra de Deus. O desejo de progredir sempre mais na intimidade com o Senhor, a necessidade de responder com sempre maior responsabilidade aos apelos do Espírito Santo, gera uma conversão, um caminho de volta ao coração de Deus. Os grandes místicos são pessoas profundamente conscientes da própria situação de pecado e da grandeza de Deus. Esta lei do contraste entre o pecado e Deus é que suscita as grandes decisões na vida.

Teresa de Ávila apresenta-se como a grande pecadora. Ao longo da sua vida podemos perceber claramente a sua vontade de converter-se. Nela

está viva a angústia dos profetas que confrontando-se com os apelos de Deus percebem-se tão longe do que deveriam ser.

Teresa converte-se definitivamente ao Senhor em 1562, quando com ato de coragem, não levando em conta as dificuldades e os contrastes que encontra no seu caminho, dá vida à reforma teresiana, fundando aos 24 de agosto, o primeiro mosteiro de carmelitas descalças. Nos últimos anos de sua vida, esta “andariega de Dios” percorre a Espanha em todas as direções, dando vida aos “pom-bais da Virgem”, e suscitando com sua presença maternal e forte, a reforma entre os descalços.

Será a mesma Teresa que fala mais de uma vez da necessidade de “uma determinada determinação” no bem. Da coragem de não retomar o que se tem oferecido ao Senhor. Não deixar-se impressionar pelas pressões que nos podem ser feitas para voltar atrás no caminho iniciado.

Ser convertido é renovar-se interiormente em cada instante, e procurar adequar a nossa vida, o mais possível, aos ensinamentos do Evangelho.

Este desejo de conversão está presente ao longo de todos os escritos do doutor místico São João da Cruz. A sua doutrina, apresentada como a “subida do Monte Carmelo” em cujo cimo só está a honra e a glória de Deus, exige para quem quer aventurar-se nos caminhos da vida espiritual, a coragem de abandonar tudo o que não é, para se possuir Tudo o que é.

O caminho traçado por João da Cruz apresenta uma dureza aparente, uma exigência que pode desanimar os que iniciam o caminho:

“Procura sempre iniciar-se não ao mais fácil, senão ao mais difícil. Não ao mais saboroso, senão ao mais insípido. Não ao mais agradável, senão ao mais desagradável. Não ao descanso, mas ao trabalho. Não ao mais, solo, mas à desolação. Não ao mais, mas ao menos. Não ao mais alto e precioso, senão ao mais baixo e desprezível. Não ao querer algo, e sim, a nada querer. Não a andar buscando o melhor das coisas temporais, mas o pior; enfim desejando encontrar por amor de Cristo na total nudez, vazio e pobreza de tudo quanto há no mundo.

“Abraça de coração estas práticas, procurando acostumar a vontade a elas. Porque, se de coração as exercitares, em pouco tempo acharás nelas grande alegria, consolo, procedendo com ordem e discrição” (1S. 13,6-7).

Esta página clássica da doutrina espiritual de São João da Cruz, podemos considerá-la como programa de quem quer se “converter e buscar a Deus sobre todas as coisas”.

Teresa do Menino Jesus apresenta-nos a conversão como um constante ato de abandono à vontade de Deus, um encontro sereno no coração do Pai, onde ela sente-se plenamente serena e tranqüila. Há em sua vida o esforço de oferecer-se sempre mais ao Senhor, eliminando toda imperfeição, e aceitando com amor os desencontros inevitáveis da vida.

A mesma atitude de entrega está presente na vida da grande contemplativa carmelitana, beatificada aos 25 de novembro de 1984, a Beata Elísabete da Trindade; ela nos apresenta a conversão como uma exigência para um encontro sempre mais profundo em Deus “abismo sem fundo”.

Não é possível ultrapassar o limiar do humano para mergulhar no eterno, sem uma constante conversão, sem tomar consciência da necessidade de uma vigilância sobre si mesmo, para que a materialidade não ofusque o brilho do divino. A atitude dos contemplativos é viver a presença de Deus. Uma presença não psicológica ou intelectual, mas viva e real.

Onde está Deus?

São João da Cruz na sua obra-prima e autobiografia, “O Cântico Espiritual”, escreve: “Onde é que te escondeste, Amado, e me deixaste com gemidos?”

Esta pergunta é fundamental para todo contemplativo. Ele não se contenta em saber da existência de Deus, mas quer saber onde e como pode encontrá-lo.

O catecismo ensina que Deus está presente no céu, na terra e em todos os lugares. Uma definição por certo verdadeira, mas incompleta, e deixa insatisfeito quem procura verdadeiramente o Senhor. O encontro com o Senhor não pode acontecer fora de nós, mas dentro de nós. A viagem

contemplativa é o re-encontro dentro de si mesmo, da imagem pura e transparente do Deus-trindade.

“O Verbo, o Filho de Deus, juntamente com o Pai e o Espírito Santo, está essencial e presencialmente escondido no íntimo ser da alma. Para achá-lo, deve, portanto, sair de todas as coisas segundo a inclinação e a vontade e entrar em sumo recolhimento dentro de si mesma, considerando todas as coisas como se não existissem... Está Deus, pois escondido na alma, e aí o há de buscar com amor o bom contemplativo.” (C. 1,1-9).

João da Cruz portanto, não tem dúvida de que o encontro com Deus acontece no âmago da alma humana. O nível mais profundo do encontro não é o inconsciente dos psicanalistas, o conhecimento confuso de algo ou alguém que vive escondido no subconsciente, mas o conhecimento “mais ou menos claro, hic et nunc, de uma coisa ou de alguém” (Dicionário de Psicologia — Ed. Loyola 1982).

Saber que este Deus vivo vive dentro de nós e que aí o podemos encontrar num abraço amoroso e transformador, constitui a sublime ambição dos homens de todos os tempos.

Para Teresa de Ávila o coração é o trono de Deus. Sentimo-nos habitados por alguém que vem a nós só para amar-nos, que não violenta as nossas almas. Deus faz crescer o homem e o amadurece. A plena liber-

dade do homem está na posse de um Deus libertador.

“Façamos de conta que dentro de nós há um palácio de grandíssima riqueza, todo feito de ouro e de pedras preciosas, em suma, como destinado ao Senhor. Da vossa parte como é verdade, contribuíis para esta magnificência. Este palácio é nossa alma quando está limpa e cheia de virtudes. Não há edifício de tanta formosura que se lhe compare. Imaginais agora que neste palácio reside o grande Rei que houve por bem fazer-se vosso Pai. Ele está no vosso coração como num trono preciosíssimo” (C. 28,29).

Ao longo dos escritos da doutora, a Madre Teresa, este conceito do homem como habitação de Deus volta constantemente. Não é difícil sentir como, para ela, Deus não é uma idéia abstrata e longínqua, Ele é o alguém sempre presente. Até que o homem não chegue a formar-se dentro de si a convicção da presença de Deus com quem pode se encontrar, num diálogo de amizade, não haverá possibilidade de entrar no mistério de uma contemplação que não seja alienante ou símbolo da fuga das próprias responsabilidades. Teresa assumiu a sua vida, a sua missão e soube não se deixar distrair do encontro com Aquele que sabemos que nos ama.

A pequena Teresa, em seu amor feito de abandono total e de entrega, canta a alegria de ter dentro de nós o Senhor: “O travesseiro que ele (o Menino Jesus) deseja, é o vosso coração ardente para amar” (P. 15.16).

Teresinha considera-se o barco onde Jesus dorme e descansa, e esta certeza de ter consigo o próprio Deus, dá-lhe segurança e tranqüilidade.

Elisabete da Trindade, uma apaixonada de Deus e do seu mistério trinitário, aprofunda ainda mais esta presença viva do eterno que transforma sempre mais o humano.

Poucos dias antes de sua morte, já consumida pelo sofrimento físico, mas muito mais abrasada do fogo intenso do amor ao Senhor diz:

“Acreditar que um Ser, que se chama Amor, habite em nós a qualquer momento do dia e da noite, e que nos pede que vivamos em sociedade com Ele, eis o que transformou a minha vida num céu antecipado.”

Estas palavras foram o programa da Beata Elisabete, e manifesta toda a força que exerce num coração humano, a certeza da habitação do Senhor dentro de si.

O Carmelo em sua caminhada e em sua doutrina vai diretamente ao cerne de toda experiência de Deus: encontrá-lo dentro de si mesmo, amá-lo e vivenciá-lo no dia-a-dia, transmiti-lo através de “atividade apostólica” que, não tendo necessidade de obras, vai diretamente ao coração da mesma Igreja onde o Carmelo desempenha a sua vocação do Amor.

Parece-me que vale a pena reler a experiência dos místicos carmelitanos que falam com segurança sur-

preendente da presença de Deus no coração humano. Não é uma experiência intimista ou demasiadamente interiorizada, mas sim encarnada na quotidianidade, vivenciada no ambiente, e transmitida através dos poucos contatos com o exterior.

Deixar-se amar por Deus

A voz forte do deserto grita ao coração do contemplativo, que tenta esconder-se na fenda do rochedo, para permanecer numa constante intimidade com o Amado.

Ao longo dos tempos a Igreja e principalmente uma teologia espiritual contaminada por certa desconfiança para com o humano, tem insistido demasiadamente no esforço que o homem deve fazer para amar a Deus. Uma santidade fruto de penitências, de mortificações, de aceses.

O Carmelo apresentou desde sempre uma caminhada espiritual baseada principalmente sobre o amor. A iniciativa do amor é sempre do Senhor. Ele que vem ao nosso encontro. Deus, o “grande mendigo” como o chama carinhosamente Teresa do Menino Jesus, pede o nosso amor, reclama para que nós possamos acolhê-lo dentro de nós.

Deixar-se amar pelo Senhor, não numa atitude passiva como poderia parecer num primeiro momento, mas sim numa atitude dinâmica e responsável, através da qual alguém entrega-se à ação do Senhor, libertando-se de tudo o que não é Deus, pre-

parando o terreno para que Ele possa tomar posse sem encontrar obstáculo nenhum.

É Deus que nos santifica. É Ele que vem ao nosso encontro. Só quando alguém consegue fazer a experiência do amor do Senhor em sua vida poderá começar a amar verdadeiramente. Só tendo experimentado a “sedução” de Deus, sente-se uma força que convida a um abandono silencioso no coração do mesmo Deus.

Deixar-se amar pelo Senhor é aprender a ouvir a sua voz que borbulha como rios de água nova e que diz: “Pois que és preciso aos meus olhos, és honrado e eu te amo, entrego pessoas no teu lugar e povos pela tua vida. Não temas, porque estou contigo, do Oriente trarei a tua raça, e do ocidente te congregarei” (Is 43,45).

O contemplativo não tem nenhuma pretensão de amar a Deus, mas sim de deixar-se amar e envolver pela mesma ternura do Senhor. É um entrar numa dinâmica nova, é perceber que a nossa pequenez exige este ato de abandono.

O Carmelo, alimentado não pelas pesquisas teológicas, nem pelas longas vigílias litúrgicas, encontra o seu alimento em adorar a vontade do Pai que se revela nas pequenas situações da vida.

No Carmelo bebe-se da fonte cristalina da fé e pede-se: “Na interior adega do Amado meu, eu bebi; quando saía, por toda aquela várzea

já nada mais sabia, e o rebanho perdi que antes seguia.” (C. XXVI).

É na “Adega interior” que a alma “bebe de seu Deus”; é este beber que transforma em Deus na medida possível a uma criatura aqui na terra.

Junto aos místicos do Carmelo sente-se forte esta necessidade de um “silêncio sonoro e de uma música silenciosa”; para perceber só a voz do amado que quer amar-nos nele e que nós queremos amá-lo em nós.

Teresa de Jesus detém-se, em seus escritos, em apresentar a alma como o Jardim onde Deus encontra suas delícias e gosta de passear quase para descansar.

Na espiritualidade carmelitana encontramos um texto que, neste sentido, parece-me fundamental: “A elevação à Santíssima Trindade”, da Beata Elisabete da Trindade. Ao longo desta elevação Elisabete entrega-se numa profundidade crescente ao amor do Senhor; sem apavorar-se com a própria fragilidade, confia e abandona-se à misericórdia de Deus.

“Apaziguai-me a alma, fazei dela o vosso céu, vossa morada preferida, o lugar do vosso repouso”.

Num bilhete escrito poucos dias antes de sua morte, à sua Madre Priora, a mística de Dijon, convida-a a **deixar-se amar mais que os outros** para tornar-se um perfeito louvor de glória.

O Senhor nos ama na proporção da nossa docilidade, e faz em nós

maravilhas quando nos encontra atentos à sua ação misteriosa e transformadora.

O caminho que leva a Deus, no Carmelo, não consiste em muito pensar, mas sim em muito amar; e santidade não é outra coisa que deixar-se elevar como um elevador nos braços de Jesus até o perfeito conhecimento do Pai.

Atualidade do Carmelo

No encontro de todos os superiores Provinciais da Ordem dos Carmelitas Descalços, realizado em setembro (1984), em Villa de Leyva (Colômbia), o Pe. Filipe Sainz de Baranda, Superior Geral, afirmou várias vezes que o Carmelo tem uma missão particular na América Latina. O mesmo tem afirmado o Cardeal Pironio nos vários encontros com os responsáveis da Ordem.

Não há dúvida. Quem quer estudar e aprofundar a espiritualidade e conhecer a experiência de Deus à luz dos místicos, não pode deixar de aproximar-se dos grandes místicos do Carmelo.

Teresa de Jesus, João da Cruz, Teresa do Menino Jesus, Elisabete da Trindade não pertencem ao Carmelo. São irmãos universais que, pela mensagem deixada, são fontes de reflexão não só para a Igreja, mas para todos os homens de boa vontade.

É conhecido o lugar de destaque que estes santos recebem fora da

mesma Igreja. Os místicos indianos os consideram como perfeitos "iogues". Os representantes das várias Igrejas não raramente os escolhem como textos preferidos para as próprias meditações.

Os teólogos da teologia da libertação, — Gustavo Gutierrez, Leonardo Boff, Segundo Galilea, bebem a doutrina dos místicos do Carmelo.

Quem quer aventurar-se na busca do Absoluto encontra ao longo do caminho, os ensinamentos destes gigantes que souberam fazer de Deus uma experiência tão viva a questionar a própria teologia.

Os místicos precedem a teologia. Eles não estão preocupados com as categorias mentais e nem em repetir o que os outros disseram. A única preocupação dos místicos é estar "ocupados" em Deus e trabalhar com a doçura e violência do amor a Deus que os seduziu.

A mensagem do Carmelo nasce da sua própria natureza, do seu "mistério" que é oração, interiorização, solidão, comunhão com Deus presente na história dos homens.

Por que os homens de hoje olham com particular interesse para o Carmelo? Sentem-se fascinados pela exigência e doutrina de pessoas humanamente tão escondidas e, se quisermos ser ousados, insignificantes em "obras" como os místicos carmelitanos?

O homem de hoje percebe o vazio da solidão que não consegue preencher com as compensações que o mundo lhe oferece.

A cultura Teológica desencarnada de vivência pessoal, não permite fazer a experiência de Deus como "Alguém que ama e conduz a história."

As desilusões no conhecimento do homem aconteceu através das ciências psicológicas, dos fracassos de uma psicanálise que quer seccionar a alma humana sem o devido respeito ao homem como Templo do Espírito.

O cansaço pelos "valores relativos" não permite caminhar com rapidez no próprio crescimento interior e no amadurecimento de si mesmo.

A desconfiança sempre crescente no relacionamento humano e a perda da amizade como valor impedem a convivência e a plenificação do ser.

O medo e a insegurança pervadem a estrutura humana sem apoio e confiança nas estruturas da sociedade.

Há angústia e sede do absoluto, do Eterno, a busca de um Deus-Amor que ama e se deixa amar; há necessidade de sentir-se "plenificados" pelas realidades estáveis.

Estes e outros motivos de ordem psicológica, social e teológica fazem voltar os homens à procura de exemplos que se realizaram não pelo esforço de saciar a fome da tríplice idolatria do **ter-poder-prazer**, mas no esvaziamento de qualquer idolatria, para que o único Deus pudesse ser o Senhor da Vida.

Os místicos do Carmelo revelam que não se "isolam" do mundo, mas o assumiram para libertá-lo da escravidão do mal tão presente no nosso cotidiano tão desumano.

Depois de chegarem à plena identificação com o Cristo, os místicos saíram do silêncio e do anonimato dos claustros gritando a própria mensagem evangelizadora.

Teresa do Menino Jesus, desconhecida em vida, escondida no desaparecer voluntário de um mosteiro, brilha como luz que ilumina a evangelização missionária. A sua entrega, o seu "acreditar" na força do amor e da imolação silenciosa, fecundam a ação apostólica e dela fazem uma apóstola incansável.

O mesmo podemos dizer de outras figuras que caracterizam o Carmelo: João da Cruz, Elisabete da Trindade, Teresa Margarida. A única exceção poderia ser Edith Stein que antes de entrar em clausura, era assistente de Edmundo Husserl na cátedra de fenomenologia.

A atualidade do Carmelo está nas raízes de sua espiritualidade que se alimentam no mais genuíno terreno da Bíblia e da tradição viva.

O peregrinar do homem e suas limitações exigem caminhar, tendo diante dos olhos modelos que conseguiram realizar a perfeição do ideal, tornando-se "um em Cristo e no Pai". O Carmelo, com sua pedagogia de fé silenciosa, com sua ascese duro-suave, com sua experiência do Deus vivo, sabe dizer ao homem de hoje uma palavra de orientação e de estímulo, anunciando com sua vida, que o Deus da história continua a ser o "Deus Conosco", o "Emanuel" que caminha na nossa frente e quer introduzir-nos no pleno conhecimento do seu amor.

(continuação da terceira capa)

cada um gostaria de ter em vista de sua Vida Religiosa. Esta é a sua missão alta. Diante dela, todas as emergências se tornam pequenas e historicamente insignificantes.

4. Desenvolvimento ou crescimento, o que importa, então, perseguir?

Creio ser uma perturbação hermenêutica, um estereótipo ideológico surrado e uma impropriedade este modo de expressar-se. Ele reflete política, economia, sociologia, etc. Você sabe que **desenvolvimento**, nestas ciências, **implica alterações**, quantitativas e qualitativas, de uma totalidade social. Trata-se de um **processo de mutações internas** e de mutações nas **RELAÇÕES** existentes entre estas mesmas totalidades sociais. Desenvolvimento implica, em outras palavras, mudanças, conjunturais e estruturais, no todo social. E, sobretudo, inclui **a origem da indução mental motivadora** destas mudanças. Em política, em sociologia, em economia, etc., é mais relevante desenvolver-se, isto é, entrar num processo de destruição criadora, do que, simplesmente, crescer. **Para a CRB não é assim.**

5. Por que?

Primeiro, porque tentar aplicar à Vida Religiosa ou interpretá-la em termos de economia política equivale à indisfarçável subversão de sua integridade maciça. Enquadrar ou reduzir a Vida Religiosa a um mero fenômeno sócio-político-econômico equivale a esvaziá-la e empobrecê-la em absoluto. Não será etiqueta sociológica que dará pertença à alma da Vida Religiosa. **Segundo**, porque as mesmas palavras, aplicadas à Vida Religiosa, configuram e revelam realidades outras, grávidas, portanto, de outros conteúdos. É verdade que pode causar enlevo a contemplação de grandes conjuntos, grandes sínteses, painéis, afrescos e murais amplos e panorâmicos, as mudanças estruturais. Isto, também, pode interessar à CRB. Importa, entretanto, à CRB a presença da qualidade no detalhe. Importa à CRB o crescimento em perfeição, não em números, pesos e medidas. Importa o amadurecimento à luz da fé; o relevo e o colorido personalizados de um substrato comum de perenidade que subjaz às muitas avenidas e perspectivas, novas e velhas, abertas pelo Evangelho à plena realização de cada um na sua consagração. Mais que reforma de fachadas, importa à CRB a reforma dos interiores, a adesão incondicional ao que os Religiosos professam por voto. Este é o objetivo de primeiro plano da CRB, em conflito flagrante, é claro, com toda a pretensão alimentadora de generalidades, futilidades e superficialidades globais para consumo imediato. Importa à CRB **comprometer-se com a aventura da aquisição de uma consciência renovadora do SER Religioso**, pois neste SER está centrada sua hierarquia de valores. Buscar a excelência deixando para trás a mediocridade, a rotina, o reino do faz-de-conta.

6. Mas isto não é impossível ou, pelo menos, irreal?

Não. Não é irreal. É e está, apenas, um pouco à frente e um pouco acima da realidade aparente, o destino de todos os grandes sonhos. A vida cristã, em geral, e a Vida Religiosa, em particular, ignoram cartilhas redigidas a um ou dois palmos de altura do chão. Também não é impossível. **COM DEUS, o impossível acontece.** E a Vida Religiosa só se entende e se vive na medida em que se é capaz de corresponder, livre e maduramente, ao **MISTÉRIO DE DEUS** que lhe dá existência. A Vida Religiosa envolve mistérios mas não comporta nenhum fantasma irreal ou impossível. **COM DEUS**, só do medo se deve ter medo.